

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELA LEANDRO PEREIRA

A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NO BRASIL

uma análise comportamental do dispositivo da eficácia (virilidade sexual) de Valeska
Zanello, a partir do relato de homens

SÃO PAULO

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELA LEANDRO PEREIRA

A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NO BRASIL

uma análise comportamental do dispositivo da eficácia (virilidade sexual) de Valeska Zanello, a partir do relato de homens

Projeto de pesquisa a ser desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, como parte das atividades para obtenção do Grau de Psicólogo/a, no Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Rafael Diego Modenesi e co-orientação de Giulia Cândido Bruno.

SÃO PAULO

2025

PEREIRA, G. L. **A masculinidade hegemônica no Brasil: uma análise comportamental do dispositivo da eficácia (virilidade sexual) de Valeska Zanello, a partir do relato de homens.** São Paulo, 2025. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Psicologia. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

RESUMO

Este trabalho investigou a masculinidade hegemônica no Brasil, com o objetivo de estudar aproximações entre a Análise do Comportamento (AC) e o conceito de "dispositivo da eficácia" de Valeska Zanello (2024). O foco foi analisar funcionalmente os pilares da virilidade sexual que constituem esse dispositivo, a partir do relato de homens brasileiros. Utilizou-se uma pesquisa qualitativa, com entrevistas estruturadas via formulário online, aplicadas a homens com idades entre 18 e 30 anos. A análise dos relatos foi metodologicamente fundamentada no Método Reno (Xavier et al., 2017), uma abordagem da Análise Comportamental do Discurso (ACD). Neste processo, o referencial teórico de Zanello (2024) foi utilizado para compor o "repertório do pesquisador", permitindo o estabelecimento de categorias funcionais de análise (Passo 5). Os resultados indicam que a virilidade sexual é um repertório performativo, governado por contingências de reforçamento positivo administradas pela "Casa dos Homens" (Categoria 3: A Chancela da Masculinidade pelos Pares) e por contingências de controle aversivo (Categoria 1: Medo da Falha Sexual). Demonstrou-se que o "Mandato de Ser Impenetrável" (o embrutecimento) funciona como uma classe de comportamentos de fuga/esquiva da punição social. A análise também identificou a Categoria 4: Comportamentos de Ruptura e Contracontrole, onde repertórios de vulnerabilidade são emitidos em contextos seguros que proveem reforçamento concorrente. Conclui-se que o Método Reno permitiu uma análise funcional robusta do dispositivo de Zanello, e que a AC oferece ferramentas para compreender e intervir em práticas culturais opressivas que afetam a saúde mental.

palavras-chave: masculinidade hegemônica, dispositivo da eficácia, análise comportamental do discurso, método reno, análise do comportamento.

EPÍGRAFE

“Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente.
Não aceite verdade eterna. Experimente.”

(Burrhus Frederic Skinner)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Silvana, e ao meu pai, Adonias, por me ajudarem durante todos esses anos de graduação e por contribuírem para a escolha temática que venho estudando. Agradeço também à minha irmã pelas risadas, fofocas e trocas durante nossa jornada de treinos, mesmo quando tudo estava um caos.

Agradeço ao meu orientador, Rafael, que me ajudou de forma muito ágil no pouco tempo que eu tinha para finalizar meu TCC. Agradeço pelas trocas e admiro muito o seu amor pela pesquisa. Agradeço ao orientador anterior, Plínio, por me questionar e me fazer repensar as questões de gênero, e por me incentivar a estudar algo dentro da minha abordagem quando eu já estava desistindo. Agradeço também à Giu Bruno pela coorientação e pelas trocas durante a graduação.

Obrigada aos meus amigos queridos, Eli e Fê, por toda a trajetória, discussões e risadas que tivemos. Um agradecimento especial ao Fê, por ter me emprestado seu notebook para que eu pudesse dar seguimento à pesquisa, visto que o meu estava bem travado e lento.

Agradeço também ao Fê Freddo, por toda a paciência em me ouvir falar de masculinidade hegemônica por mais de um ano e por me acalmar nos momentos de crise, quando achei que as coisas não dariam certo. Obrigada por todo o companheirismo e carinho.

Agradeço à Lu, amiga querida que conheci na primeira monitoria de Comportamental Prática e que se tornou uma pessoa cada vez mais especial durante os anos.

E aos meus amigos queridos da graduação e da pós: Lau (aluna de monitoria para a vida), Santi, Gi, Leon, Gui X., Lari, Paulo, Johnny, Marília (por mais EACs juntas), Rê, à Pavloff (pelo nosso último ano intenso juntas em todos os estágios, obrigada por todas as colaborações), Vero, Saulo, Ju A., Sô Alma, Fernanda e Marília M. e, em especial, a todos os alunos queridos dos quais fui monitora: eu amava muito estar com vocês.

Agradeço a todos os meus professores de Comportamental: Dani, Marcos, Amílcar, Denize, Paola, Mônica, Lipe, Emerson, Fátima, Paula e Fani; assim como ao Agnaldo e ao Márcio, por trazerem ao longo da graduação uma psicologia social, crítica e política.

Agradeço também à Laís Nicolodi, por ter me incentivado a estudar esse tema, e à querida Valeska Zanello.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	5
1.1 O ESTUDO DAS QUESTÕES SOCIAIS POR ANALISTAS DO COMPORTAMENTO	5
1.2 O conceito de masculinidade hegemônica	7
1.3 A masculinidade hegemônica no brasil	9
1.4 Discussão dos dispositivos amoroso e materno na AC.....	10
1.5 O dispositivo da eficácia e uma possível interpretação analíticocomportamental.....	11
OBJETIVO GERAL	27
Objetivo específico	27
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA	64

1. INTRODUÇÃO

1.1 O ESTUDO DAS QUESTÕES SOCIAIS POR ANALISTAS DO COMPORTAMENTO

O estudo da Análise do Comportamento (AC) em relação às pautas sociais não é recente, visto que foi um campo de interesse de B. F. Skinner em muitas de suas publicações, como em “Ciência e Comportamento Humano” (1953/1998), “O Mito da Liberdade” (1971/1992), e “Sobre o Behaviorismo” (1974/1997). Como defendido por Skinner, a AC é uma ciência que possui potencial para promover mudanças no mundo como as questões sociais atuais, e como afirmada por Baum (2018) “nossos problemas sociais são problemas comportamentais” (p.185) e a AC pode ajudar a resolver esses problemas. No entanto, o estudo de questões sociais somente ascendeu nas últimas décadas, uma vez que analistas do comportamento passaram a investigar diversos fenômenos que são objeto de estudo das Ciências Sociais.

No entanto, o campo das questões sociais ainda precisa ser mais explorado por analistas do comportamento. A respeito disso, Laurenti e Lopes (2022), descrevem o potencial contracultural que a AC tem em relação às práticas culturais opressivas e excludentes. Esse potencial contracultural da AC é decorrente da filosofia do Behaviorismo Radical, caracterizada como antimentalista, antiessencialista e multidimensional. No modo multidimensional, o qual parte do modelo de seleção por consequências, o indivíduo é compreendido a partir da influência de variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais. O antiessencialismo é contra a ideia de uma essência humana pautada em um reducionismo biológico constituído de modo natural e não como produto histórico-cultural como a AC defende. O terceiro elemento desse tripé é o antimentalismo, que parte do rompimento com as psicologias tradicionais em que há explicação dos fenômenos como uma causa interna centrada no indivíduo. No entanto, para a AC a causa não está dentro e nem fora do organismo, mas constituída na relação entre o organismo e o contexto. Assim, esse tripé possui um potencial contracultural, mas segundo os autores

“não basta invocar o modelo de seleção pelas consequências sem, de fato, considerar a dimensão cultural concretamente; não basta criticar o mentalismo, é preciso avançar na crítica à sociedade que tem o mentalismo como uma de suas ferramentas de dominação; ao fazer uma análise funcional do comportamento de um indivíduo, não basta olhar para variáveis ontogenéticas ignorando que elas estão entrelaçadas com práticas culturais excludentes e opressivas de nossa sociedade” (p.36).

Além do mais, Laurenti e Lopes (2022) afirmam esse potencial contracultural deve ser colocado em prática de forma a não aderir a neutralidade política, pois a sociedade atual é “marcada por práticas sexistas, racistas e LGBTfóbicas, e também por práticas de ocultamento

dos conflitos, contradições e desigualdades (e.g., mito da brasilidade, mito das causas internas, ideologia da meritocracia)” (Laurenti; Lopes, 2022, p.37). Laurenti e Lopes (2022) definem o termo contracultural para “designar ações de um grupo organizado que contestam explicitamente os valores e práticas culturais dominantes, com o intuito de construir uma sociedade menos opressiva e mais justa” (p.28). Esse argumento está de acordo com Skinner (1974), que defende que mudanças devem ser feitas no ambiente em relação ao comportamento humano, pois é dessa relação que originam os principais problemas sociais. Laurenti e Lopes (2022) questionam “como é a sociedade na qual analistas do comportamento desempenham suas atividades científico-profissionais, e, principalmente, se tais atividades estão orientadas para a transformação ou manutenção dessa sociedade” (p.28). Esse questionamento é pertinente uma vez que “o analista do comportamento é, sem dúvida, um agente político, no sentido de que suas atividades profissionais possuem consequências éticas e políticas” (Abib; Dittrich, 2004, p.430). Perante a isso, os estudos de analistas do comportamento não podem apenas se prestar ao campo da Análise Experimental do Comportamento (AEC) e da Análise Aplicada do Comportamento (AAC), mas também em relação às práticas sociais de opressão, pois, segundo Laurenti e Lopes (2022), “a visão de uma ciência politicamente neutra deixa incólume práticas culturais opressivas que podem inclusive controlar o comportamento de analistas do comportamento” (p.37). Desse modo, é de suma importância questionar qual é o papel de analistas do comportamento.

Entender o papel do analista do comportamento é compreender que os indivíduos não são seres isolados da cultura, mas sim pertencentes a suas práticas, pois questões políticas e sociais são recorrentes, os indivíduos, portanto, perpetuam essas práticas ou sofrem com elas (Santos, 2021). Após o entendimento do papel do analista do comportamento é necessário também entender às práticas culturais, pois somos atravessados e modificados por diversos padrões culturais que “dizem respeito a padrões comportamentais de indivíduos ou de pessoas se comportando em grupo, modelados e mantidos pelas contingências sociais definidoras de uma dada cultura” (Fernandes; Carrara; Zílio, 2017, p.277). Isso nos aproxima de possíveis questões sociais que podem ser mais estudadas por analistas do comportamento, de modo a investigar e intervir em questões de desigualdades e exclusão social, como, por exemplo, gênero, classe e raça.

Diante disso, é possível, a partir de Laurenti e Lopes (2022) caracterizar dois tipos de práticas culturais dominantes no Brasil, práticas opressivas e práticas de ocultamento das opressões. A seguinte pesquisa trata de uma temática que perpassa por práticas culturais

opressivas, que segundo Laurenti e Lopes (2022) inclui as sociedades ocidentais, como a brasileira, na qual se difunde a concepção de que a

“humanidade tem o “centro” ocupado por um tipo de indivíduo bem específico: o homem branco, cisgênero, heterossexual, instruído, rico”, enquanto grupos “como mulheres, transgêneros, negros(as), indígenas, pessoas que mantêm relações homoafetivas, pobres, analfabetos(as) são ontologicamente desumanizados em nossa sociedade. Isso não é uma questão puramente teórica ou semântica, mas a base de práticas culturais de exclusão, opressão e preconceito” (p.29).

1.2 O conceito de masculinidade hegemônica

Para analisar as práticas culturais que envolvem os homens, é preciso ultrapassar a noção simplificadora de um "papel sexual masculino" único (Connell; Messerschmidt, 2013). Nesse contexto, o trabalho da socióloga R. W Connell tornou-se uma referência ao propor um referencial mais dinâmico, cujo conceito chave é o de masculinidade hegemônica. Proposto inicialmente em obras como *Masculinities* (2005) e posteriormente revisado (Connell; Messerschmidt, 2013), este conceito serve para investigar como certas formas de ser homem se tornam mais valorizadas que outras e como essa valorização se conecta à manutenção de uma ordem social de gênero.

A masculinidade hegemônica não descreve um tipo fixo de personalidade, mas sim um padrão de práticas sociais que, em um dado contexto, funciona para legitimar a dominação dos homens sobre as mulheres (Connell; Messerschmidt, 2013). É importante notar que esse padrão de masculinidade não é necessariamente o mais comum entre a população masculina; seu poder não está em ser a norma estatística, mas em ser a norma cultural. Ela se estabelece como um ideal, uma forma honrada de ser homem, que exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela (Connell, Messerschmidt, 2013). A manutenção dessa posição de domínio não depende apenas do uso do controle aversivo, mas se efetiva principalmente por meio da cultura e das instituições. Nesse sentido, a cultura opera como um conjunto de práticas sociais, nas quais a comunidade verbal reforça certos comportamentos e discursos em detrimento de outros, gerando um "consenso cultural". As instituições, por sua vez, funcionam como agências de controle (Skinner, 1953), como a religião, a educação e o controle econômico que dispõem da possibilidade de manipular reforçadores generalizados e os utilizam para selecionar os comportamentos que estão alinhados com a manutenção da hierarquia de gênero, caracterizando assim um processo de hegemonia (Connell; Messerschmidt, 2013).

Uma contribuição fundamental desse referencial é o reconhecimento de que, em vez de uma masculinidade única, existem múltiplas masculinidades que se relacionam de maneira

hierárquica. Desse modo, a masculinidade hegemônica coexiste com outras configurações, como a masculinidade cúmplice, que se refere à maioria dos homens que, embora não incorporem plenamente o ideal dominante, se beneficiam dos privilégios que a ordem patriarcal lhes concede (Connell, Messerschmidt, 2013). Há também as masculinidades subordinadas, certos grupos de homens são oprimidos pela masculinidade hegemônica. Historicamente, o exemplo mais proeminente no contexto ocidental são os homens homossexuais, cuja exclusão e subordinação foram centrais para a própria definição do ideal hegemônico, e as masculinidades marginalizadas, homens que podem se beneficiar do patriarcado (por serem heterossexuais, por exemplo), mas são marginalizados por outras estruturas de poder, como as relações que se referem a homens de grupos étnicos ou de classes sociais desfavorecidas (Connell; Messerschmidt, 2013).

Welzer-Lang (2001) reforça a ideia dessa hierarquia interna ao grupo dos homens, mostrando que a dominação masculina estrutura não apenas as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre os próprios homens. Para ele, a sociedade cria uma distinção entre os "Grandes-homens", aqueles que detêm mais poder e privilégios, e os demais, que também estão submetidos a hierarquias masculinas.

A manutenção dessa hierarquia depende de mecanismos de controle social precisos. Para Kimmel (2016), a homofobia é o princípio organizador central da masculinidade hegemônica. Em termos analítico-comportamentais, pode ser descrito não como uma resposta direta à homens gays, mas como um padrão de comportamento de fuga/esquiva, cuja função é fugir e/ou evitar um conjunto de estímulos aversivos sociais. Esses estímulos aversivos consistem em consequências punitivas aplicadas pela comunidade verbal masculina, como o ridículo, o ostracismo ou a desqualificação verbal, que ocorrem quando um homem emite comportamentos culturalmente classificados como "femininos". Dessa forma, o medo de ser humilhado é a descrição de uma esquiva de possíveis punições que ocorreram em um contexto de avaliação por pares. Em resposta a essa contingência, o "repúdio ao feminino" surge como uma classe de operantes de fuga/esquiva, que é negativamente reforçada pela evitação da punição social, fortalecendo comportamentos que sinalizam adesão à norma masculina. Essa definição da masculinidade pela negação do feminino é complementada por um conjunto de preceitos que ditam o que um homem deve ativamente ser e fazer. A primeira regra da masculinidade, como aponta Kimmel (2016) citando Robert Brannon¹ (1976), é "Sem frescura!" ("*No Sissy Stuff*"), uma rejeição incansável do feminino. A segunda regra, "Seja um figurão (ou manda-chuva)!" ("*Be a Big Wheel*"), estipula que a masculinidade se mede pelo poder, sucesso, riqueza e status. Adicionalmente, a norma "Seja uma rocha" ("*Be a Sturdy*

Oak") exige que o homem demonstre controle emocional e confiabilidade, especialmente em momentos de crise, mantendo as emoções sob controle. Por fim, a quarta regra, "Metete bronca!" ("*Give 'em Hell*"), prescreve uma postura de ousadia, agressividade e a disposição para assumir riscos. O conjunto dessas quatro reg¹ras compõe um modelo exigente, que funciona como um padrão pelo qual os homens são constantemente medidos em sua adequação ao ideal de masculinidade.

Essa performance da virilidade ocorre em um palco fundamentalmente homosocial. A masculinidade é demonstrada para a aprovação de outros homens. Welzer-Lang (2001) descreve esse processo de socialização em espaços monossexuados que ele denomina metaforicamente de a "casa-dos-homens". Nesses locais (escolas, clubes esportivos, etc.), os meninos aprendem, por meio de um "mimetismo de violências" contra si e contra os outros, que para ser um homem é preciso se distinguir das mulheres e aceitar a "lei dos maiores". É nesse contexto de constante vigilância e avaliação por parte de seus pares que os homens aprendem a incorporar os códigos da virilidade e a temer qualquer comportamento que os associe aos dominados: as mulheres e, por extensão, os homossexuais.

Por fim, de acordo com Connell e Messerschmidt (2013), é importante entender que a masculinidade hegemônica não é uma essência que se reproduz de forma idêntica e perpétua. O conceito pressupõe a historicidade, o que significa que os padrões hegemônicos são específicos de seu tempo e lugar, estando, portanto, abertos à contestação e à transformação. Assim, existe uma luta contínua pela hegemonia, na qual padrões alternativos de masculinidade podem influenciar as formas dominantes, abrindo a possibilidade de desestabilizar a hierarquia e avançar em direção a relações de gênero mais democráticas.

1.3 A masculinidade hegemônica no Brasil

No cenário brasileiro, dando continuidade aos estudos iniciados por teóricos como Connell (1995), Zanello aprofunda a análise ao investigar os mecanismos culturais específicos que operam no Brasil para a construção do masculino e do feminino. Por meio de sua obra "Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação" (Zanello, 2018), ela introduz o conceito de dispositivos de subjetivação para analisar como a sociedade patriarcal

¹ Usou-se aproximações dos termos ditadas por Robert Brannon para formas mais próximas do sentido metafórico: "seja uma grade roda" para figurão (manda-chuva), "seja um carvalho firme" para uma rocha e "dê lhes o inferno" para metete bronca.

molda os repertórios comportamentais, pois sofrimento psíquico se manifesta de formas diferentes para homens e para mulheres, ou seja, o sofrimento apresenta-se de forma gendrada.

Zanello (2018) argumenta que as mulheres têm, majoritariamente, suas subjetivadas desenvolvidas por uma combinação de dois dispositivos principais. O primeiro é o dispositivo amoroso, pelo qual as mulheres aprendem que seu valor e identidade estão fundamentalmente atrelados à esfera relacional, especificamente na capacidade de ter e manter um relacionamento amoroso com um homem. Complementar a este, atua o dispositivo materno, que ensina as mulheres a priorizarem o cuidado e as necessidades dos outros em detrimento das suas próprias. A mulher aprende a cuidar deles (dos homens), por eles e para eles, um papel que beneficia diretamente os homens, cujo processo de socialização é marcado pelo egocentrismo.

Em contraste, os homens têm, primariamente, suas subjetividades desenvolvidas por um roteiro distinto, que Zanello (2018) denomina de dispositivo da eficácia. Este dispositivo, segundo a autora, estabelece que o valor de um homem reside em sua capacidade de fazer, de provar sua potência e de ser eficaz. Essa eficácia se ancora em dois pilares principais: a virilidade laborativa (ser um provedor, ter sucesso profissional) e a virilidade sexual (ser potente e ativo sexualmente).

Dessa forma, enquanto o sofrimento feminino frequentemente se articula em torno de questões do amor e das relações, o sofrimento masculino está diretamente ligado a falhas na performance. Experiências como o desemprego, a aposentadoria ou a impotência sexual são particularmente devastadoras para os homens, pois atingem o núcleo do dispositivo que sustenta sua identidade. O dispositivo da eficácia, portanto, é relacional e hierárquico, pois existindo para se contrapor ao feminino, considerado como inferior, exige que o homem se afaste de qualquer característica associada à feminilidade, sob pena de ser julgado por outros homens. A análise de Zanello (2018), embora parta de outro campo teórico da psicologia, oferece uma descrição do conjunto de contingências sociais que a presente pesquisa se propõe a interpretar sob o referencial da Análise do Comportamento.

1.4 Discussão dos dispositivos amoroso e materno na AC

Com o referencial sociológico e de saúde mental estabelecido, a introdução se volta agora para a contribuição da Análise do Comportamento (AC) a essa discussão. A AC, ao se debruçar sobre fenômenos culturais, busca compreender como estruturas de poder, como o patriarcado, operam por meio de contingências que controlam o comportamento.

A partir das aproximações que autoras da análise do comportamento (Laís Nicolodi) e da psicanálise (Valeska Zanello) desenvolveram no capítulo “Poder, patriarcado e dispositivos

de gênero no manejo clínico analítico-comportamental” (Nicolodi; Zanello, 2023) do livro “Habilidades terapêuticas na prática da psicoterapia” (Oshiro; Vartanian, 2023), Nicolodi (2023) discutiu o dispositivo materno e amoroso, que se refere ao modo como é construído o papel da mulher em sociedade a partir de aproximações da AC.

No trabalho de Nicolodi e Zanello (2023), as "tecnologias de gênero", nomeadas assim por Zanello (2018), são apresentadas como os processos de aprendizagem que ensinam os indivíduos a se comportarem como homens ou mulheres. Esse aprendizado ocorre, por um lado, por meio da modelagem comportamental (Skinner, 1953), na qual certos repertórios são selecionados através de reforçamento e punição. Por outro lado, acontece pela equivalência de estímulos (Sidman, 1994), processo em que a linguagem atribui funções a estímulos, como quando se estabelece uma relação entre "mulheres" e "rosas", transferindo as características de beleza e fragilidade de um para o outro e, assim, criando regras sociais.

A partir dessa base, os dispositivos de subjetivação são analisados como o resultado final desses processos de aprendizagem. O dispositivo amoroso, por exemplo, aponta para uma forma de amar ensinada às mulheres, na qual elas se tornam "amorcentradas". Dentro dessa análise, o fato de "ser mulher" funciona como um estímulo discriminativo que sinaliza quais consequências estão disponíveis para certos comportamentos. A consequência de maior valor reforçador é a de "ser escolhida" por um homem, o que funciona como um aval de valor social como mulher. Desse modo, uma conquista profissional não acessa os mesmos reforçadores para uma mulher do que a conquista do afeto masculino.

De forma semelhante, o dispositivo materno é analisado como o resultado de um aprendizado de "heterocentrismo", em que mulheres aprendem a priorizar os interesses e demandas dos outros em detrimento dos seus próprios. O comportamento de "cuidar" funciona como meio para acessar reforçadores sociais que não estariam disponíveis caso se recusassem a tal ato. Esse aprendizado é contrastado com o "egocentrismo" ensinado aos homens, que, por sua vez, tem seus comportamentos de priorizar seus próprios interesses

1.5 O dispositivo da eficácia e uma possível interpretação analítico-comportamental

A análise sobre o "dispositivo da eficácia" foi apresentada na obra *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos* (Zanello, 2018). As teses centrais deste livro foram posteriormente publicadas em uma versão resumida, intitulada *A Prateleira do Amor: Sobre Mulheres, Homens e Relações* (Zanello, 2022). A autora aprofundou especificamente a discussão sobre a

masculinidade com o lançamento da obra *Masculinidade e Dispositivo da Eficácia: Guia de Autoreflexão e Desconstrução do Machismo para Homens* (Zanello, 2024).

Como premissa para a análise do dispositivo da eficácia, Zanello (2022) argumenta que a virilidade não deve ser compreendida como uma característica natural ou inata. Em termos analítico-comportamentais, a virilidade pode ser descrita como um repertório comportamental performativo. Esse repertório se estabelece, fundamentalmente, pela negação sistemática de tudo aquilo que a cultura designa como feminino (Welzer-Lang, 2001), pois segundo Kimmel (2016) “quaisquer que sejam as variações de raça, classe, idade, etnia ou orientação sexual, ser um homem significa não ser como as mulheres... masculinidade é definida mais pelo que indivíduo não é do que pelo que ele de fato é” (p.106).

Dessa forma, o "ser homem" é apresentado como uma construção que exige ser constantemente provada e fabricada por meio de ações, as quais são validadas perante a comunidade social. Como descreve Kimmel (2016): “a masculinidade deve ser provada, e tão logo seja provada, é novamente questionada e deve ser provada mais uma vez – constante, incansável, inalcançável” (p.102). Essa validação, contudo, ocorre de forma homosocial, ou seja, a masculinidade é demonstrada para a aprovação de outros homens (Kimmel, 2016), que funcionam como a principal audiência e fonte de reforçamento.

O dispositivo da eficácia pode ser compreendido como um conjunto de contingências sociais que seleciona, para os homens, duas principais classes de comportamento operante, correspondentes à dupla virilidade: a laborativa e a sexual. A virilidade laborativa refere-se a uma classe de comportamentos ligados à atividade profissional e à aquisição de recursos financeiros. Dentro dessa contingência, comportamentos que resultam em alta remuneração, acúmulo de bens e obtenção de status são seguidos por reforçadores sociais condicionados generalizados de alta magnitude. A apresentação desses reforçadores (e.g., dinheiro, status) pela comunidade verbal é o que define o "sucesso masculino". O seguinte trabalho se debruçará apenas a respeito da virilidade sexual.

Desse modo, o dispositivo da eficácia seleciona uma das possíveis classes de comportamentos, a virilidade sexual. Essa classe operante é mantida por uma dupla contingência social: por um lado, a comunidade verbal masculina aplica consequências punitivas, como a desqualificação social, a homens que relatam dificuldades sexuais ou que recusam oportunidades de sexo. Em contrapartida, comportamentos que sinalizam uma disponibilidade sexual constante e bem-sucedida são sistematicamente reforçados, o que aumenta o acesso do homem a reforçadores sociais que validam seu "grau" de masculinidade.

Nesse contexto, a magnitude do reforçamento social ou o "sucesso" é frequentemente medida pelo número de parceiras e pelo status social a elas atribuído, funcionando como um troféu a ser exibido para outros homens. Para que isso ocorra, a objetificação da mulher se torna um comportamento central. Esse comportamento é modelado por tecnologias de gênero, sendo a pornografia a “principal tecnologia de gênero para meninos e homens”, uma pedagogia afetiva que ensina a subjugação e a transformação de mulheres em coisas ou pedaços de coisas. Em termos funcionais, partes do corpo da mulher, passam a funcionar como um estímulo discriminativo (S^D) que sinaliza a disponibilidade de reforço para o homem. Sendo assim, "tratar a mulher como objeto" consiste em emitir comportamentos em relação a ela que visam primariamente a obtenção de reforçadores, sejam eles sexuais ou sociais, como a aprovação dos pares masculinos. A mulher é, dessa forma, reduzida à sua função nessa contingência, sendo tratada como uma "coisa ou pedaços de coisas". Portanto, o comportamento de objetificação é aprendido por modelação e mantido por reforçamento social positivo, funcionando como um sinal de pertencimento ao grupo masculino e consolidando uma forma de interação que desconsidera a mulher como sujeito (Zanello, 2024, p.29).

Para ilustrar como esse repertório é modelado e mantido, Zanello (2024) oferece exemplos concretos que detalham as contingências em operação. A análise comportamental a seguir se baseia nesses exemplos que são apresentados no livro em formato de sequências gráfico-narrativas (tirinhas).

O processo de aprendizagem se inicia cedo, no ambiente familiar ou com cuidadores. Na sequência gráfico-narrativa “subjugar sexualmente mulheres te faz ser 'aprovado'”, em que um pai vê o filho com uma colega e pergunta: "Filho, e aquela menina? É sua namoradinha!??", o "Ahn...sim" do menino é seguido por uma resposta de aprovação: "Aêê! Esse é meu filhão!!" (Zanello, 2024, p. 18). Em termos analítico-comportamentais, a aprovação do pai funciona como um reforçador social de alta magnitude. A consequência reforçadora é apresentada de forma contingente ao comportamento do filho de dizer que tem uma namorada. Dessa forma, o menino aprende que sua interação com uma menina, e a transformação dela em "namoradinha", é um comportamento que produz consequências positivas de uma figura de autoridade masculina, iniciando o aprendizado da objetificação.

Esse processo se intensifica na adolescência, no grupo de pares. Na sequência gráfico-narrativa "Carteirinha de Pertencimento", um grupo de meninos avalia e atribui uma nota ao corpo de uma menina ("Mano, cês viram como a Valentina tá gata? Dou nove pra ela!") (Zanello, 2024, p. 20). Os risos e a concordância do grupo funcionam como reforçamento social para esse comportamento verbal de objetificação. Contudo, quando um dos meninos, Maurício,

não participa, ele é imediatamente alvo de uma punição verbal com conotação homofóbica: "Maurício não ri dessas coisas porque não gosta de fruta!" (Zanello, 2024, p. 20). A contingência é a seguinte: para ser aceito no grupo e obter a "carteirinha de pertencimento", é preciso emitir comportamentos de objetificação; o não fazer leva à punição social e ao questionamento de sua masculinidade.

A função desse comportamento nem sempre está ligada ao desejo sexual, mas sim à autoproteção dentro do grupo masculino. Na sequência gráfico-narrativa "Exibir a carteirinha", um jovem está pensando em um beijo gay quando é interrompido por um amigo sendo questionado se conseguiu o nudes da Nanda, ele passa a objetificá-la ("Vou passar pra galera! Baíta gostosa!") (Zanello, 2024, p. 22). Aqui, a objetificação funciona como um comportamento de esquiva, mantido por reforçamento negativo. A sua função é evitar a consequência aversiva de ser associado à homossexualidade por seu par, servindo como uma esquiva para escapar da violência masculinista intragrupo.

Figura 1: Pornografia como a principal tecnologia de gênero para meninos e homens.



Fonte: Zanello (2024, p.30)

Esse repertório de objetificação também é amplamente ensinado por meio da modelação, e a pornografia é apontada como a principal tecnologia de gênero para meninos e homens. Ela funciona como uma pedagogia afetiva que apresenta um modelo de subjugação, transformando mulheres em "coisas ou pedaços de coisas" (Zanello, 2024, p. 29). O consumo contínuo desse material pode levar a uma habituação, na qual o efeito reforçador do estímulo diminui, criando a necessidade de "cenas ainda mais picantes, geralmente cada vez mais violentas" para obter o mesmo nível de excitação (p.30). Na primeira cena, o personagem emite o comportamento de masturbação (R1), que está sob o controle do S^D 1 (a pornografia). Este comportamento é mantido por um esquema de reforçamento positivo imediato e de alta

magnitude (a excitação/orgasmo). Contudo, na cena seguinte, as contingências mudam radicalmente. Quando o personagem está na presença de uma "mulher de verdade" (S^D 2), o repertório modelado pela pornografia (onde a "parceira" é um objeto passivo) não é funcional. A mulher real emite um mando por conexão emocional ("O que foi?"). Este novo S^D sinaliza uma contingência de intimidade e reciprocidade, para a qual o repertório do homem é deficitário devido a um provável repertório de respostas emocionais punidas. Incapaz de responder à contingência real, o homem emite um operante verbal de fuga/esquiva (R2): "Tô cansado". A função deste comportamento é o reforçamento negativo, permitindo-lhe escapar da situação de intimidade, que se tornou aversiva por não se alinhar às contingências artificiais e não-recíprocas modeladas pela pornografia.

Figura 2: Iniciação (à desumanização) sexual



Fonte: Zanello (2024, p.32)

Esse aprendizado culmina no que Zanello (2024) chama de iniciação à desumanização sexual. Nela, o jovem é pressionado a apresentar provas de sua virilidade sexual, que é traumática para muitos homens, devendo se comportar como um "'Verdadeiro' homem", definido como um "corpo-pênis-máquina, desprovido de afetos" (Zanello, 2024, p.33). Nessa situação, a parceira sexual é reduzida a um mero objeto. Em termos funcionais, a iniciação é um evento no qual o reforçamento social é contingente à emissão de uma performance sexual específica, mecânica e não-relacional, solidificando o repertório de objetificação aprendido.

A análise pode ser aprofundada ao se observar outros mandatos que compõem a virilidade sexual.

A primeira sequência gráfico-narrativa "A mulher que você 'pega' leva a reconhecimentos diferentes pelos pares" ilustra como o "sucesso" com as mulheres funciona como uma via para a obtenção de reforçadores sociais de outros homens. Na cena, após o

personagem Léo conseguir a atenção de uma mulher considerada atraente ("gata"), seus amigos imediatamente emitem respostas de aprovação e admiração: "Porra, o Léo se deu bem.", "O cara é foda!" (Zanello, 2024, p. 68). Em termos funcionais, a mulher atua como um estímulo discriminativo (S^D) que sinaliza a disponibilidade de um potente reforçador social vindo do grupo de pares. O comportamento de "pegar" a mulher é reforçado não apenas pela interação com ela, mas pela "admiração e reafirmação vinda de outros homens de que você é 'o cara'".

As próximas análises se direcionam para o que Zanello (2024) descreve como os três principais pilares da virilidade sexual. Na primeira sequência gráfico-narrativa, temos a Virilidade sexual I (Comer geral e "bem"). O mandato da atividade sexual constante é ilustrado através de uma "Tabela de Pontos CARNAVAL", na qual diferentes "tipos" de mulheres valem diferentes pontuações (ex: "Mulher Bonita...3 pts", "Mulher do Chefe...10 pts", "Milf...30 pts") (Zanello, 2024, pp.70-71). Essa dinâmica pode ser compreendida como uma economia de fichas (token economy). Nesse sistema, os "pontos" funcionam como reforçadores condicionados: estímulos que não possuem valor em si mesmos, mas que se tornam reforçadores porque foram associados a outras consequências de grande valor. Neste caso, o comportamento de "pegar" mulheres gera esses pontos, que por sua vez podem ser trocados pelo reforçador de apoio final: o status e o reconhecimento dentro do grupo masculino. Como demonstra a mensagem "Acabei de pontuar!", o homem recebe uma consequência imediata (os pontos) que sinaliza o acesso ao reforçador principal (a validação dos pares). Dessa forma, os pares reforçam tanto a quantidade ("comer geral") quanto a qualidade ou o grau de dificuldade da conquista ("comer bem"), transformando a interação sexual em um jogo competitivo de aquisição de reforçadores.

Figura 3: Não aprender a renunciar



Fonte: Zanello (2024 p.72)

A segunda sequência gráfico-narrativa, “Virilidade sexual II (Não aprender a renunciar)”, aborda o “mandato de não renunciar nunca a seus próprios desejos, mesmo que isso implique atropelar a disposição, as vontades e necessidades da parceira” (Zanello, 2024, p.73). Na cena, a recusa da parceira (“Ai, amor... tô cansada.”) é um operante verbal que para ela, tem a função de um tato (descreve seu estado privado de cansaço) e também a função de um mando disfarçado (pede que o parceiro pare a investida). O reforçador que ela busca (ainda que de forma implícita) é a remoção de uma situação que se tornou aversiva para ela naquele momento de investida sexual do homem. Para o homem, essa fala funciona como um estímulo aversivo, pois a frustração gerada pela não obtenção de um reforçador esperado (a relação sexual) estabelece uma operação motivadora. Como o repertório masculino hegemônico frequentemente não inclui comportamentos para lidar com essa frustração, ele emite um comportamento coercitivo utilizando manipulação emocional (“Ou você não me ama?”), que funciona como uma tentativa de fuga desse estado aversivo, buscando anular a recusa da parceira. O comportamento do homem, portanto, é controlado pela remoção da condição aversiva e pela obtenção do reforçador imediato, e não pelas regras de consentimento ou pelo bem-estar da parceira.

Figura 4: Ser impenetrável



Fonte: Zanello (2024, 74)

Na terceira sequência gráfico-narrativa, “Virilidade sexual III (Ser impenetrável)”, o mandato de “ser impenetrável” é apresentado como uma classe de comportamentos de esquiva que se aplica tanto ao corpo quanto às emoções. Fisicamente, o personagem se recusa a fazer o exame de toque retal por sua associação com a penetração. Emocionalmente, quando questionado pela esposa sobre sua tristeza (“Amor, você ficou triste com aquilo, não?”), ele se

fecha ("Não tenho nada para falar!!"). O estímulo aversivo do qual ele se esquivava é o de ser associado à passividade ou de ocupar o "lugar de 'mulherzinha'" (Zanello, 2024, pp.74-75). Comportamentos de "abertura emocional" foram historicamente punidos pela comunidade verbal masculina, resultando em um repertório com déficits em intimidade e expressão de vulnerabilidade.

Figura 5: A masculinidade é pênis-centrada



Fonte: Zanello (2024, p.76)

A análise finaliza com a sequência gráfico-narrativa, "A masculinidade é pênis-centrada", que aborda a centralidade do pênis como "metonímia, símbolo de poder e macheza" (Zanello, 2024, p.77). Nesse contexto, a ereção funciona como um poderoso reforçador condicionado para o repertório comportamental masculino. Consequentemente, sua ausência (a impotência) representa um evento aversivo, que opera como punição, podendo "colocar em xeque a identidade do homem" (p.77). A ameaça de punição a impotência representa a remoção ou o cancelamento de reforçadores (como os elogios da esposa), desse modo, o homem tenta se engajar no comportamento de manter a ereção podendo ocorrer as autoverbalizações punitivas ("Prefiro ser um morto de pau duro que um vivo brocha") e a própria sensação de "ser brocha" é um estado aversivo que é adicionado à situação. Isso ilustra um caso extremo de comportamento governado por regras. A regra social que dita que "ser brocha" é o fracasso masculino máximo é tão poderosa que o comportamento de evitar essa consequência aversiva (tomando o remédio contra a indicação médica) se sobrepõe ao comportamento de evitar a própria morte.

Zanello (2022) analisa a situação de meninos adolescentes que, por ainda não terem acesso ao mundo do trabalho, não podem validar sua masculinidade por meio da virilidade

laborativa. Consequentemente, a virilidade sexual, juntamente com outras práticas que caracterizam o funcionamento da "casa dos homens", torna-se o principal campo para a performance e validação do status masculino. Nesse contexto, comportamentos como a homofobia, a misoginia, a objetificação de meninas e o bullying contra meninos considerados mais fracos ou afeminados e a cumplicidade com pares, funcionam como estratégias para obter reforçamento social de outros homens e estabelecer uma posição na hierarquia masculina.

Esses dois pilares estão interligados, pois a eficácia laborativa frequentemente amplia o acesso a mulheres consideradas de alto valor social, que estão "bem localizadas" na "prateleira do amor". Essa "prateleira", cunhada por Zanello (2022), uma metáfora para o dispositivo amoroso, consiste em uma hierarquia social na qual as mulheres são avaliadas e posicionadas com base em um ideal de beleza (branco, magro e jovem), e na qual os homens atuam como avaliadores. Dessa forma, ter ao seu lado uma mulher bem posicionada nessa prateleira funciona como um troféu. Em termos analíticos-comportamentais, a mulher passa a funcionar como um reforçador condicionado. O seu "valor" (reforçador) não é determinado por suas características pessoais apenas, mas sim também por regras sociais estabelecidas pela comunidade verbal, como o grupo de pares que define o que é desejável. A "conquista" dessa mulher torna-se, assim, um poderoso reforçador que confirma o sucesso do homem em ambas as esferas da virilidade, especialmente quando sua performance é validada pela avaliação de seus pares.

Além da esfera da virilidade sexual, o dispositivo da eficácia também modela o repertório comportamental masculino nos âmbitos do cuidado e das relações afetivas. Desse modo, as contingências frequentemente falham em estabelecer ou até punem comportamentos de cuidado em homens, resultando em padrões de esquiva e na delegação dessas responsabilidades. A manutenção da hierarquia de gênero não ocorre apenas por omissão, mas também por meio de comportamentos de controle sutis, muitas vezes com topografia de "cuidado" ou "brincadeira", que funcionam para limitar o repertório da parceira. A análise das sequências gráfico-narrativas (Zanello, 2024) a seguir detalhará essas contingências, demonstrando como a desresponsabilização pelo cuidado e o uso de "violências invisibilizadas" são repertórios mantidos que também compõem o dispositivo da eficácia.

Na primeira sequência, "terceirização do cuidado", os personagens masculinos evitam a responsabilidade direta pelo cuidado seja pagando por um procedimento, seja delegando a tarefa para a parceira ("Amor, esse é o meu findi com o Enzo.") ou para outra mulher da família ("Amanhã, já combinei com a minha mãe de deixá-lo lá."). Este padrão é consistente com a análise de Zanello (2024, p.83), que aponta que, através de um longo processo de socialização

(não necessariamente por controle verbal direto), os homens aprendem a esperar que o cuidado seja provido por mulheres, tratando essa disponibilidade de reforço como algo dado, quase que “direito natural” (Zanello, 2024, p.83). Em termos analítico-comportamentais, a tarefa de "cuidar" passa a funcionar como um estímulo aversivo condicionado para o homem. E isso ocorre devido ao que foi estabelecido na história de contingências. Engajar-se em tarefas de cuidado (um SD) sinaliza duas consequências aversivas prováveis: a punição social por parte dos pares, por ser um comportamento relacionado ao “feminino” (e, portanto, vulnerável), e também por ter um alto custo de resposta em um esquema de reforçamento social muito pobre (a comunidade verbal masculina não reforça esse comportamento). O comportamento de "terceirizar" é, portanto, um comportamento de fuga/esquiva, que é reforçado negativamente pela remoção dessa tarefa aversiva. Como a cultura, de forma geral, não aplica consequências punitivas a esse comportamento masculino de esquiva, o repertório de evitação se mantém.

Figura 6: Desresponsabilização social



Fonte: Zanello (2024, p.88)

Dando continuidade, a sequência "Desresponsabilização Social" (Zanello 2024, pp.88-89) ilustra, por meio de um contraste, como as contingências sociais distribuem a responsabilidade de forma desigual entre homens e mulheres. Em uma reunião de trabalho, duas mulheres conversam sobre outros colegas. No primeiro quadro, uma delas critica a aparência de uma colega: "Nossa, viu a roupa da Lúcia? Ela não conhece ferro de passar?" e a amiga fala: "Uma desleixada!". Nessa contingência, a mulher é responsabilizada individualmente por uma falha percebida em uma tarefa culturalmente associada ao feminino (passar roupa). No segundo quadro, a situação se repete, mas com um colega homem, Lúcio:

"Nossa, viu a roupa do Lúcio? Tudo amarrotada!". Desta vez, a reação da colega não é responsabiliza-lo, mas sim a parceira dele: "Como a esposa cuida mal dele!". O comportamento verbal da colega demonstra um estereótipo de gênero compatível com as regras e contingências sociais patriarcais. A crítica é desviada do homem e aplicada à sua esposa. A análise funcional revela contingências diferentes baseadas no gênero. O mesmo "erro" (roupa amarrotada) produz consequências diferentes: a mulher é punida diretamente, enquanto o homem é isento e a punição é transferida para outra mulher. A "desresponsabilização dos homens" é, portanto, um processo complexo, mantido por contingências de reforçamento deferencial aplicadas aos gêneros. Desse modo, a análise não pode se restringir à falha da comunidade verbal em aplicar consequências aversivas, aos repertórios masculinos de baixa responsabilidade que permite a manutenção de repertórios de baixa responsabilidade. Esta "falha" opera em conjunto com, pelo menos, duas outras contingências. A primeira seria a falha em prover reforçamento positivo para comportamentos de autocuidado ou cuidado quando emitidos por homens (colocando-os em extinção). E a segunda seria uma longa história de reforçamento positivo para o comportamento masculino de demandar cuidado ("o reizinho da casa"), o que é muitas vezes "naturalizado" pela comunidade verbal patriarcal. Enquanto isso a alta responsabilização das mulheres é mantida e perpetuada por um conjunto separado de contingências (o dispositivo materno) que reforça o comportamento de executar o cuidado.

Essa dinâmica é reforçada pela "Autodesresponsabilização afetiva e comportamental" (Zanello, 2024), que foca no comportamento verbal como fuga/esquiva de responsabilidade. Frases como "Eu não bati nela, foi ela quem me provocou" ou "Eu não Traí, aquela piranha que veio pra cima de mim" são exemplos de tatos distorcidos. A função desses relatos não é descrever o evento com precisão, mas sim deslocar o controle da situação para a outra pessoa, que envolve tanto o reforçamento positivo (ex: o sexo com a amante) quanto a punição (ex: a reação da esposa) e não a consequência ambiental da qual o falante se esquiva. O comportamento verbal (o tato distorcido) é, portanto, mantido por reforçamento positivo e negativo.

A manutenção da hierarquia também ocorre por meio de "Violências invisibilizadas I (Opressão maquiada de cuidado)" (Zanello 2024, p.92). A análise aqui foca na função do comportamento, e não em sua topografia (aparência). Na primeira cena, a mulher diz "Amor, sexta vai rolar futebol com a galera. Posso ir?" e ele responde: "Não, vai só homem.", um comportamento com aparência de cuidado, mas que funciona como controle coercitivo. Uma semana depois, a mulher fala: "Gatão, vou sair com as amigas na sexta para papear, ok?", o homem emite um comportamento verbal com topografia idêntica para controlar a saída da

parceira: "Minha preocupação não é você, são os outros homens.". O homem aprendeu que um comportamento com aparência de "cuidado" pode funcionar como uma estratégia de controle eficaz, pois opera como um mando disfarçado que sinaliza consequências aversivas caso a parceira não cumpra a regra.

Figura 7: Controle



Fonte: Zanello (2024, p.93)

Já em “Violências invisibilizadas II (Controle)” (Zanello 2024, p.93), demonstra como o reforçamento social do grupo de pares, neste caso feminino, pode funcionar como uma forma de reforço positivo ao contrário do que é observado no comportamento controlador do parceiro. Nos primeiros painéis, o homem emite uma série de mandos verbais que funcionam como tentativas de controle aversivo: "E aí, amor, não vai postar nossa foto juntos?", "E nem me falou sua senha do Instagram...", e, por fim, uma manipulação emocional, "Você não me ama?". A análise central ocorre no terceiro painel, "A noite...", quando a mulher está com seu grupo de amigas, ela descreve sua resposta: "Aí eu falei pra ele: 'Me lembra mês que vem!'". e Esse comportamento é imediatamente seguido pelas risadas do grupo ("Ah! Ah! Ah!"), que operam como um reforçador social positivo dentro dessa comunidade verbal. O painel final ilustra a consequência para o homem: seu comportamento de controle aversivo volta a se repetir deixando-o em um estado de privação do reforçador que buscava (atenção da esposa), pois ela estava falando com outras pessoas e ele queria a atenção direcionada a ele somente. Esse estado de privação (uma operação estabelecadora) evoca um novo comportamento verbal: "Por que você nunca me dá atenção?". Esta fala tem uma função múltipla: é um mando (uma queixa para obter atenção) e, simultaneamente, um tato impuro ou distorcido de seu estado privado aversivo

(o "ciúme ou o incômodo com a situação dela com os amigos"). Ao emitir a fala como uma acusação ("você nunca me dá atenção") em vez de um tato de sua emoção ("me sinto inseguro"), ele utiliza seu próprio sentimento como uma nova estratégia de controle aversivo e violência verbal.

A última sequência narrativa, "Violências invisibilizadas III (Dois pesos e duas medidas)" (Zanello 2024, p.94), ilustra consequências diferenciais para o mesmo comportamento. Quando o homem trai, sua fala para a mulher é de pedido de desculpas ("Me perdoa, amor!"). Meses depois, quando a mulher emite um comportamento de topografia similar (beijar outra pessoa), a consequência aplicada por ele é uma punição social severa, com agressão verbal ("Sua piranha!! Puta!!"). As regras sociais e as contingências de punição para a infidelidade são diferentes dependendo do gênero de quem emite o comportamento.

Em suma, a análise das sequências gráfico-narrativas demonstra que o dispositivo da eficácia se manifesta não apenas na busca ativa pela validação laborativa e sexual, mas também na manutenção de um repertório deficitário em comportamentos de cuidado e responsabilidade afetiva. Observa-se que esse padrão é mantido por um complexo arranjo de contingências, que inclui a esquiva de tarefas de cuidado, o reforçamento social inconsistente da paternidade e uma generalizada desresponsabilização social pelos papéis domésticos e relacionais. Adicionalmente, a análise revela que a manutenção da hierarquia de gênero não se restringe à omissão, mas se estende a comportamentos de controle sutis e "invisibilizados", cuja função é restringir a autonomia da parceira. O conjunto dessas práticas, embora sustente uma posição de privilégio, gera contradições e consequências aversivas, o que abre espaço para a discussão sobre a possibilidade de desconstrução e mudança, que será analisado a seguir.

Dessa forma, apesar das contingências que mantêm o dispositivo da eficácia, o modelo hegemônico não é inescapável, e a análise de Zanello (2024) aponta para os caminhos possíveis de desconstrução e mudança. A mesma perspectiva analítico-comportamental utilizada para descrever a manutenção desses padrões pode ser empregada para compreender como novos repertórios comportamentais são aprendidos e fortalecidos. Esse processo de mudança envolve, primeiramente, o desenvolvimento da auto-observação e da responsabilização pelos próprios atos. Em seguida, requer o aprendizado de uma nova classe de comportamentos de cuidado e reciprocidade e, por fim, exige a emissão de comportamentos de contracontrole para romper com as contingências de reforçamento e punição impostas pelo grupo de pares masculinos. As tirinhas a seguir ilustram cada uma dessas etapas, detalhando os processos envolvidos na construção de masculinidades mais relacionais.

O primeiro passo para a mudança envolve o desenvolvimento de um repertório de auto-observação e de fatos precisos sobre os próprios comportamentos e eventos privados. Na sequência narrativa “Responsabilizar-se por si mesmo” (Zanello 2024, p.96), homens emitem verbalizações como "Estou mesmo com ciúmes, é insegurança!" ou "Sim, eu sei... Eu fui abusivo e violento demais com ela". Diferente dos fatos distorcidos da autodesresponsabilização, esses comportamentos verbais descrevem com precisão a relação entre as ações do indivíduo e suas consequências. "Responsabilizar-se por si mesmo", em termos funcionais, é deixar de emitir respostas de fuga/esquiva de punições sociais e passar a descrever a própria participação nas contingências. A busca por psicoterapia ou por um grupo reflexivo pode ser entendida como um comportamento pré-corrente, ou seja, uma ação que o indivíduo toma no presente para alterar as variáveis que controlarão seu comportamento no futuro.

A responsabilização se traduz na emissão de uma nova classe de comportamentos operantes: os de cuidado. A sequência “Desconstruir o egocentrismo” (Zanello 2024, p.98) mostra homens engajados em ações como cuidar da parceira doente ("Cancelei o jogo. Vou cuidar de você."), lavar a louça, ou cuidar do filho para que a parceira possa sair. Em termos funcionais, "desconstruir o egocentrismo" significa que o comportamento do homem deixa de ser controlado exclusivamente por reforçadores imediatos que somente o beneficiam e passa a ficar sob o controle de novas variáveis que também afetam o comportamento do outro. As necessidades do outro (a parceira doente, a casa desorganizada) passam a funcionar como estímulos discriminativos (S^D) para a emissão de comportamentos de cuidado, cujo reforço pode vir da melhora e do bem-estar do outro. Trata-se de aprender a cuidar.

Figura 8: Romper com a pressão dos homens



Fonte: Zanello (2024, p.100)

O passo final e mais desafiador é a emissão de comportamentos de contracontrole frente às contingências do grupo de pares, apresentada pela sequência “Romper com a pressão da casa dos homens” (Zanello 2024, p.100). Nas cenas, um homem se recusa a beber mais (“Não vou mais beber”), outro se recusa a paquerar (“Sinto muito, mas sou casado.”) e um terceiro se recusa a compactuar com um amigo (“Compre esse carro e não paga a porra da pensão?”) e o quarto repreende o assédio do amigo com uma mulher (“Solta a mina cara!”). Esses comportamentos vão contra as regras/contingências sociais patriarcais que colocam o indivíduo em contato com a punição social ou perda de reforçadores (perder amizades e admiração dos pares). Manter esse novo repertório significa que o comportamento do homem passou a ficar sob o controle de outras variáveis, como regras de autocuidado (saúde), as conseqüências reforçadoras de uma relação monogâmica, ou regras morais próprias, que se tornaram mais potentes que o reforçamento social imediato oferecido pelo grupo masculino.

Considerando o contexto brasileiro atual, dados publicados pelo Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (BRASIL, 2024) apontam que entre 2010 e 2021 os homens se suicidaram quatro vezes mais que as mulheres. Do total de suicídios de 2021, os homens representam 77,8% e, em relação ao número de óbitos, os dados dos homens são três vezes maiores que os registrados nas mulheres. Segundo o mesmo boletim, os óbitos por suicídio dos homens estão relacionados a escolhas de maneiras mais violentas para cometer tal letalidade, de forma que leva ao falecimento de 60% dos homens que tentam já na primeira vez. Por outro lado, as mulheres, possuem comportamentos que se referem a ideação, planejamento e tentativa de suicídio. Dito isso, estamos diante de um grave problema de saúde pública e, dessa forma, entender o que pauta, estrutura e mantém a forma como os homens se comportam em uma sociedade ocidental, patriarcal e capitalista é de suma importância para futuras intervenções.

A análise de Zanello (2024) descreve uma série de situações e as categoriza, identificando possíveis impactos da masculinidade hegemônica em relação aos atributos que são colocados nos homens enquanto indivíduos em um campo social, assim como os diversos aspectos que constituem o contato do homem com uma sociedade patriarcal afetam suas questões emocionais, sexuais, econômicas, físicas e de consumo que permeiam o padrão da masculinidade hegemônica. Esse conjunto de formas de se comportar modifica a constituição do indivíduo com o seu ambiente, uma vez que o modo como a cultura machista, patriarcal e capitalista está estruturada atravessa os papéis de masculinidades, pois, de acordo com Maciel

Jr. (2006), o mesmo sistema que os favorece os brutaliza, principalmente para aqueles que não estão dentro do padrão esperado.

OBJETIVO GERAL

Dessa forma, considerando a análise de Zanello (2024), o objetivo da presente pesquisa é analisar o relato verbal de homens a perguntas que evoquem as situações descritas sobre a masculinidade hegemônica a partir da categorização da autora sobre o dispositivo da eficácia com o intuito de identificar as variáveis que possam estar relacionadas a esses padrões de comportamento.

Objetivo específico

Mais especificamente, foi analisado apenas o pilar da virilidade sexual descrito no dispositivo de eficácia que pautam o ser homem no Brasil. Optou-se por analisar apenas o dispositivo de eficácia da virilidade sexual para poder fazer uma análise mais detalhada desse dispositivo.

MÉTODO

Participantes

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) (CAAE: 85533024.6.0000.5482, Número do Parecer: 7.415.285). Os participantes foram convidados por meio de redes sociais (Instagram e WhatsApp), onde foi compartilhado o link da pesquisa. Aqueles que manifestaram interesse em participar leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de iniciar a entrevista. Participaram deste estudo nove homens com idades entre 18 e 29 anos, todos residentes no Brasil, de nacionalidade brasileira e com acesso a redes sociais virtuais no momento da coleta. O grupo apresentou a seguinte diversidade: quanto à escolaridade, sete participantes cursavam o superior incompleto e dois possuíam superior completo. Em relação à identidade de gênero, sete eram homens cisgênero, um homem transgênero e um transmasculino. A orientação sexual foi descrita por seis como heterossexual, dois como homossexual, e um participante que selecionou "outro", descrevendo: "gosto de mulheres, mas como minha identidade de gênero não é binária, as sexualidades não são bem definidas". A identificação étnico-racial foi de seis brancos, dois pretos e um pardo. A renda média dos participantes variou, com dois ganhando até um salário mínimo, dois de 1 a 3 salários mínimos, dois de 5 a 15 salários mínimos e três com 15 salários mínimos. As ocupações declaradas foram: seis estudantes, um estagiário, um Analista de Ecommerce e um Assistente de Orientação Educacional.

Material e Local de Coleta

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista estruturada, apresentada como um formulário online (Anexo 1). A coleta foi realizada de modo virtual, através da plataforma Google Forms, sendo este o local da pesquisa, acessado pelos participantes em seus próprios dispositivos. O questionário foi dividido em três partes principais: (1) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); (2) um bloco de identificação sociodemográfica (conforme descrito na seção "Participantes"); e (3) as perguntas de pesquisa. As perguntas de pesquisa foram abertas e estruturadas em blocos (ex: Pergunta 1, 2, 3 e 4), contendo sub-itens (a, b, c) os quais identificavam nessa ordem uma contingência (evento antecedente, resposta e consequência), elaborados com o objetivo de coletar informações que que identificassem a virilidade sexual.

Procedimento

Esta pesquisa utilizou o método qualitativo, isto é, um método de investigação científica que visa o caráter subjetivo do objeto analisado. O procedimento para a participação consistia nos seguintes passos: primeiramente, o participante realizava a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, ao concordar, assinalava sua anuência. Em seguida, preenchia as informações sociodemográficas. Por fim, respondia às perguntas abertas da entrevista estruturada. O envio do formulário preenchido finalizava o procedimento de coleta de dados.

Durante todo o período de realização da pesquisa, os participantes puderam tirar dúvidas com a pesquisadora ou mesmo optar por desistir de sua participação, sabendo que, neste caso, os dados que forneceu não serão utilizados na pesquisa e que não sofreria nenhum prejuízo por conta desta desistência. Todos os participantes tiveram suas identidades preservadas quando da publicação do trabalho resultante da pesquisa, bem como foram tomados todos os cuidados para que nenhuma informação que viesse a permitir tal identificação fosse publicada.

Metodologia de análise de dados

A análise dos dados obtidos nos formulários foi fundamentada no Método Reno, uma proposta metodológica para a Análise Comportamental do Discurso (ACD). Este método, desenvolvido por Willard Day Jr. e seus colaboradores, busca inter-relacionar o método interpretativo ao método experimental e é particularmente adequado para esta pesquisa, pois assume que o comportamento do cientista/pesquisador é parte integrante da análise.

O método foca em descrever os efeitos, sobre o analista, das respostas verbais que compõem o discurso, ou seja, o comportamento do pesquisador ao responder ao material analisado. As categorias temáticas, pré-estabelecidas com base na obra de Zanello (2024), serviram como o referencial que constituiu o repertório da pesquisadora. A análise seguiu os passos propostos por Xavier et al. (2017), adaptados para o formato desta pesquisa:

1º Passo - Arranjo das Condições Experimentais: O "arranjo" foi constituído pelo próprio formulário de entrevista estruturada. As perguntas foram formuladas para funcionar como alterações ambientais (variáveis independentes), ou seja, estímulos verbais antecedentes que evocaram as respostas verbais dos participantes (variáveis dependentes). Como observado na construção do método, as perguntas foram intencionalmente estruturadas (Item A: Estímulo Antecedente; Item B: Comportamento; Item C: Consequência) para facilitar a análise funcional.

2º Passo - Seleção e Agrupamento dos Segmentos Verbais de Interesse: Os segmentos verbais de interesse (as respostas) foram selecionados e agrupados. O critério de agrupamento foi o efeito similar sobre o repertório da pesquisadora. Por exemplo, relatos que descreviam a esquiva de vulnerabilidade ou a performance de estoicismo (e.g., "prefiro lidar sozinho", "homem não chora") foram agrupados por produzirem um efeito similar na pesquisadora (com base nos conceitos analítico-comportamentais e no dispositivo de eficácia), levando à sua posterior classificação.

3º Passo - Inferência dos Operantes Verbais: Esta é a análise micro, onde se buscou identificar as relações funcionais, classificando as respostas em suas unidades funcionais básica (ex: tatos, mandos, intraverbais, autoclíticos), como proposto por Skinner (1957).

4º Passo - Estabelecimento de Categorias: Este foi o passo central onde o Método Reno se uniu à base teórica de Zanello (2024). As categorias de Zanello (ex: "Mandato de Ser Impenetrável", "Medo da Falha Sexual", "A Chancela dos Pares") foram identificadas a partir dos efeitos do material verbal do participante sobre o repertório da pesquisadora. O treino profissional da pesquisadora, fundamentado em Zanello (2024), foi uma das variáveis que controlou o comportamento de categorizar.

5º Passo - Análise das Variáveis: Uma vez categorizado, o discurso foi analisado para conhecer quais variáveis o controlaram e analisar a combinação de variáveis que atuaram sobre o discurso. Esta etapa consistiu em formular hipótese sobre as variáveis ambientais (históricas e atuais) que controlaram as classes de respostas identificadas.

6º Passo - Descrição do Próprio Analisar: Conforme o Método Reno, esta metodologia assume que "o fazer do cientista [é] um comportamento" (p.126). O pesquisador deve, portanto,

discriminar verbalmente por que determinadas amostras foram selecionadas e classificadas em determinadas categorias. No caso deste trabalho, a discriminação foi controlada pelo arcabouço teórico de Zanello (2024) e pelos princípios da Análise do Comportamento, que constituem o histórico de reforçamento da pesquisadora.

7º Passo Exposição Repetida aos Dados: Este passo não ocorre somente como etapa final, mas ao longo de todo o processo. A exposição repetida e cuidadosa ao material foi utilizada para "moldar discriminações novas, profissionalmente relevantes" (Xavier et al., 2017, p.132) e refinar a análise funcional de cada resposta, garantindo a fidedignidade da aplicação das categorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados serão descritos e discutidos com base nas categorias identificadas de Zanello (2024):

Categoria 1: Virilidade sexual (a performance como valor)

Descrição Funcional: Identifica as contingências que governam o comportamento sexual masculino. O foco está em como o reforçamento social é contingente à performance e como o controle aversivo (ameaça de punição) mantém comportamentos de evitação da passividade e da falha.

Mandato da performance quantitativa e qualitativa ("comer geral e bem"):

Descrição (AC): Relatos que descrevem uma contingência de reforçamento social positivo na qual o "status" ou "validação" (o reforçador) é contingente à emissão de operantes que denotam "quantidade" (ex: "pegar mais mulher") ou "qualidade/dificuldade" (ex: "a mais difícil"). O comportamento é modelado e mantido pela comunidade verbal.

Mandato de ser impenetrável ("embrutecimento"):

Descrição (AC): Relatos que descrevem uma classe de comportamentos de fuga/esquiva de quaisquer estímulos (públicos ou privados) funcionalmente associados à "passividade" ou "vulnerabilidade" (ex: "chororô", "falar de sentimento"). A emissão desses comportamentos é mantido por reforçamento negativo (a evitação da punição social de ser visto como "não-homem").

Medo da falha sexual (pênis-centrismo):

Descrição (AC): Falas que descrevem respostas de ansiedade e comportamentos de esquiva que estão sob o controle de uma contingência de punição social (ex: "vergonha", ser "menosprezado"). A punição é contingente à "falha na hora H" (o evento aversivo), estabelecendo a centralidade da ereção.

Mandato de não renunciar:

Descrição (AC): Relatos de comportamentos de insistência ou coerção. Estes operantes são mantidos por reforçamento negativo (fuga/esquiva da frustração) e por uma história de reforçamento intermitente, onde a insistência pode ter sido anteriormente reforçada positivamente. A recusa sexual funciona como uma operação de extinção, que evoca a insistência.

Categoria 2: dinâmicas de relacionamento e cuidado

Descrição Funcional: Identifica repertórios verbais e não-verbais cuja função primária é a esquivas da responsabilidade (mantida por reforçamento negativo) e a manutenção do controle sobre o comportamento da parceira (mantida por reforçamento negativo ou positivo).

Egocentrismo e terceirização do cuidado:

Descrição (AC): Relatos que descrevem a emissão de operantes verbais ou motores cuja função é delegar ("deixo com ela casa e filho") ou se esquivar de tarefas estabelecidas culturalmente como "cuidado".

Desresponsabilização afetiva e controle (violências invisibilizadas):

Descrição (AC): Repertórios que evitam a responsabilidade e mantêm o controle.

A atribuição de culpa: Descrição (AC): falas que funcionam como tatos distorcidos, onde o falante altera a descrição da contingência para culpar a parceira (ex: "foi ela quem me provocou"), esquivando-se da punição por seu próprio comportamento.

O controle maquiado de cuidado: Descrição (AC): comportamentos verbais que têm a topografia (forma) de cuidado (ex: "Minha preocupação..."), mas cuja função (efeito) é punitiva ou coercitiva, servindo como um estímulo discriminativo para punição que restringe o comportamento da parceira.

O tratamento de silêncio e a esquivas emocional: Descrição (AC): relatos do uso do silêncio ou distanciamento, que funcionam como punição negativa (retirada de reforçadores sociais/atenção). Este operante é duplamente mantido: por reforçamento positivo (controle da parceira, que pode "ceder") e por reforçamento negativo (o falante "foge/se esquivas de conversas difíceis").

CATEGORIA 3: A PRESSÃO DA "CASA DOS HOMENS" (O CONTEXTO HOMOSSOCIAL)

Descrição Funcional: Esta categoria não é apenas sobre comportamento, mas sobre o contexto social que estabelece as regras (controle verbal) e administra as consequências (reforçamento e punição) para os repertórios das outras categorias. Analisa como o grupo homosocial funciona como a comunidade verbal primária.

A chancela da masculinidade pelos pares:

Descrição (AC): Relatos que demonstram que a validação do "ser homem" vem primariamente de outros homens. Relatos que descrevem comportamentos (ex: piadas misóginas, agressividade, objetificação da mulher) emitidos sob o controle de uma operação estabelecida de privação de pertencimento ao grupo de homens. A função desses operantes é produzir reforçadores sociais positivos ("Chancela", "aprovação", "admiração", "respeito")

que sinalizam a "Carterinha de pertencimento" ao grupo. A "audiência" (o grupo de pares) é a fonte do reforço.

Punição por desvio da norma (vigilância homofóbica):

Descrição (AC): O contraponto da categoria acima. Descrições de contingências de punição social positiva (ex: "chamaram ele de 'fruta'", "ridicularizado") aplicadas contingentemente a comportamentos ("desvio") que violam a regra do grupo. A função é suprimir o desvio de práticas não hegemônicas e manter a conformidade do grupo.

CATEGORIA 4: COMPORTAMENTOS DE RUPTURA E CONTRACONTROLE

Descrição Funcional: Identifica operantes verbais e motores que indicam uma ruptura com as contingências de controle hegemônicas, ou a emissão de contracontrole (comportamentos que se opõem ao controle aversivo do grupo).

Responsabilização e auto-observação:

Descrição (AC): Relatos que funcionam como tatos do próprio repertório aversivo ("Eu percebi que eu era muito abusivo"). A emissão desse tato indica um repertório de auto-observação que é um pré-requisito para a mudança de contingência.

Emissão de comportamentos de cuidado:

Descrição (AC): Relatos de operantes (ex: "divido tudo", "Cancelei o futebol") que demonstram um repertório focado na reciprocidade e no reforçamento positivo do outro, em vez da esquiva (Categoria 2).

Rompimento com a pressão do grupo:

Descrição (AC): Descrições de comportamentos de contracontrole: a emissão de um operante (ex: "disse que não ia") que se opõe à contingência de controle do grupo (ex: "insistiram"), mesmo quando seguido de punição social ("Falaram que eu era 'fraco'")

Pergunta 1. a) Você já se sentiu incentivado a não ter um(a) único(a) parceiro(a) fixo(a) ou a buscar múltiplos(as) parceiros(as)? Em que situações isso aconteceu?

Categoria: Mandato da Performance Quantitativa e A Chancela da masculinidade pelos pares

Respostas Agrupadas:

P3: *"Sim. Principalmente no ensino médio, parecia haver um entendimento de que aproveitar a sua idade mais jovem é se relacionar com o maior número possível de parceiros. Existia uma pressão para sair e flertar, além de falas sobre colegas e amigas entre o grupo de homens"*

P6: *"Sim, ouvi várias vezes que não deveria me prender a ninguém e que quanto mais experiências melhor e mais quanto mais pessoas me quisessem melhor. Isso aconteceu entre amigo e redes sociais principalmente."*

P2: *"Sim. Entre amigos e colegas, aonde a pessoa que é foda é aquela que fica com vadias pessoas."*

P9: *"Já, em situações sociais com a presença exclusiva de homens."*

Análise comportamental:

Este conjunto de respostas descreve como o comportamento de buscar múltiplas parceiras é governado por regras sociais. A regra estabelece que o reforçamento social positivo (validação da masculinidade) é contingente à emissão dessa classe de comportamentos. A contingência é explicitada na resposta de P2: *"a pessoa que é foda é aquela que fica com vadias pessoas"*. O autoclítico relacional "é" estabelece uma equivalência funcional entre o comportamento de *"ficar com várias pessoas"*(P2) e o reforçador social *"ser a pessoa que é foda"*(P2), ou seja ser reconhecido entre os pares. Outras verbalizações da regra incluem *"quanto mais experiências melhor"* (P6) ou *"aproveitar a sua idade"* (P3). A fonte dessas contingências é a comunidade verbal homosocial. Os estímulos discriminativos (S^D), os contextos onde essa regra se aplica e é reforçada, são claramente identificados: *"grupo de homens"*(P3), *"entre amigo e redes sociais"*(P2) e *"Entre amigos e colegas"*(P2). As *"falas sobre colegas e amigas"*(P3) são o próprio mecanismo de vigilância e reforçamento verbal. Paralelamente, a menção a uma *"pressão"* sugere que o comportamento também é mantido por reforçamento negativo: o indivíduo emite o comportamento de *"sair e flertar"*(P3) para se esquivar da punição social (críticas, exclusão) que ocorreria caso ele não o fizesse. No caso da resposta de P9 *"Já, em situações sociais com a presença exclusiva de homens"*, o falante emite um autoclítico quantificador (*"exclusiva"*) que isola o estímulo discriminativo (S^D) homens. A regra (incentivo a múltiplas parceiras) é apresentada apenas no contexto homosocial. Isso sugere que outros contextos (ex: presença de mulheres) funcionam como estímulos delta (S^Δ), onde o mesmo comportamento verbal (incentivar a promiscuidade) pode não ser reforçado ou ser até mesmo punido.

Categoria: Punição por Desvio da Norma (Vigilância)

Respostas Agrupadas:

P8: *"Infelizmente, sim. Por alguma razão, ao obterem conhecimento sobre o meu relacionamento monogâmico com minha parceira – que está estável, muitos homens e*

mulheres escarnekem e tentam persuadir-me a ser secretamente adúltero ou consensualmente transformar o meu relacionamento em algo promíscuo."

Análise Comportamental:

Este relato ilustra a outra face da contingência: a punição social positiva aplicada ao comportamento que se desvia da norma do grupo. O operante verbal "*obterem conhecimento*" sobre o comportamento de ser monogâmico (o desvio) descreve uma relação entre o relato de ter uma relação monogâmica e possíveis punições aplicada pela comunidade verbal por meio da apresentação de estímulos aversivos verbais: tatos depreciativos ("*escarnecem*") e mandos ("*tentam persuadir-me a ser... adúltero*"). A função dessa punição é suprimir o comportamento de monogamia e restabelecer o comportamento esperado pela regra do grupo (a performance quantitativa), demonstrando a vigilância do dispositivo.

Sem categoria específica: Ausência de Descrição da Contingência

Respostas Agrupadas:

P7: "*Não incentivado, mas discussões sobre a monogamia/poliamor são recorrentes*"

P1: "*Não.*"

P5 "*Não*"

Análise comportamental:

Este grupo é importante por sua distinção analítica. As respostas "*Não*" (P1 e P5) são operantes verbais que representam uma ausência de descrição da contingência de pressão. O falante não emite o tato da pressão sugerida na pergunta. A resposta "*Não incentivado...*"(P7) é mais complexa: é um tato que nega o controle aversivo. No entanto, "*mas discussões sobre... são recorrentes*"(P7) é um tato que descreve a existência de comportamentos intraverbais sobre o tema.

Pergunta 1. b) Quais comportamentos ou atitudes você considera importante quando se relaciona com um(a) parceiro(a)?

A maioria das respostas a esta pergunta pode ser agrupada em uma categoria que contrasta com os mandatos de performance e embrutecimento. Uma resposta, no entanto, destaca-se por sua natureza qualitativamente distinta.

Categoria: Emissão de Comportamentos de Cuidado

Respostas Agrupadas:

P4: "*Senso de humor, compreensão e empatia*"

P3: "Atenciosidade, comunicação, escuta, paciência, cooperação, demonstração de afeto"

P7: "Respeito, comunicação, afeto, compreensão"

P6: "Comunicação clara e disponibilidade emocional"

P9: "Clareza sobre intenções, diálogo sobre qualquer tema para resolução de conflito, lealdade e singularidade da relação."

P1: "Fidelidade, reciprocidade, verdadeira, apaixonada, pensa em um futuro junto."

P5: "Respeito, carinho e atenção."

P2: "Sinceridade e comprometimento"

Análise comportamental:

À primeira vista, este conjunto de respostas parece descrever um repertório de ruptura com os mandatos tradicionais, valorizando o vínculo e a comunicação. No entanto, uma análise funcional, considerando o contexto da entrevista (uma interação social com um pesquisador, onde o "ser homem" está sendo avaliado), sugere também uma interpretação diferente. Desse modo, é possível que esses operantes verbais não funcionem como tatos puros (descrições acuradas do que os falantes de fato fazem ou valorizam), mas sim como tatos impuros ou mandos disfarçados. A função primária desse comportamento verbal parece ser o controle de audiência. O falante emite a resposta socialmente desejável, que funciona como um mando para que o ouvinte (entrevistador) o classifique positivamente. Este comportamento pode ser mantido por reforçamento negativo, permitindo ao falante fugir ou se esquivar de possíveis consequências sociais aversivas, que seria o julgamento do entrevistador. A evidência para esta interpretação funcional vem da contradição entre essas respostas a Pergunta 2 e as respostas a perguntas subsequentes que investigam o fazer (ex: como eles de fato reagem à frustração, à vulnerabilidade ou à falha de performance).

Sem categoria: Controle por Regras Alternativas (Fuga/Esquiva)

Resposta:

P8: "Sobretudo, valorizo o temor sincero que um casal possa demonstrar ao Senhor, guardando Seus puros mandamentos e vivendo em prol de Sua glória. De tal modo, acredito que seja difícil que esse casal se frustre."

Análise comportamental:

Esta resposta também demonstra um comportamento de fuga/esquiva, mas através de um mecanismo diferente. Em vez de apelar para o vocabulário afetivo socialmente desejável, o falante apela para um conjunto de regras de uma comunidade verbal religiosa. O controle é

transferido da contingência relacional interpessoal (que exigiria a vulnerabilidade de descrever a intimidade) para a adesão a regras prescritivas ("*guardando... mandamentos*"). A função é a mesma: evitar descrever comportamentos de intimidade e, como a regra verbalizada sugere, evitar a "*frustração*" (um evento aversivo). A função de esquiva também é sugerida na frase "acredito que seja difícil que esse casal se frustre". A "frustração" (um evento aversivo) é evitada não pela complexa e vulnerável negociação interpessoal, mas pela adesão à regra ("*guardando... mandamentos*"). O controle é transferido da contingência relacional (imprevisível, exigindo vulnerabilidade) para a regra religiosa (estável, prescritiva). Essa interpretação de fuga/esquiva se tornará mais robusta se, nas perguntas subsequentes, as respostas deste mesmo participante demonstrarem contradições ou um repertório de esquiva de vulnerabilidade.

Pergunta 1. c) O que você pensa sobre a reação das pessoas quando você escolhe buscar ou não múltiplos(as) parceiros(as)?

Sem categoria: Consciência das Variáveis de Controle (Responder Discriminado)

Respostas Agrupadas:

P4: "*Natural e fruto do meio que vivem/viveram*"

P3: "*Creio que meus amigos não teriam nenhuma reação, mas meus pais ficariam incomodados, provavelmente sentiriam que eu 'faltei com respeito' que me deram. A opinião de outras pessoas iria variar muito do local e da cultura.*"

Análise Comportamental:

Este grupo de respostas demonstra um repertório de auto-observação e consciência sobre as variáveis que controlam o próprio comportamento e o comportamento dos outros. O falante que descreve as reações como "fruto do meio"(P4) está, em termos analítico-comportamentais, emitindo um tato de que o comportamento alheio é um repertório comportamental modelado e mantido por um ambiente cultural específico.

Da mesma forma, o segundo relato demonstra um responder discriminado sobre as contingências de diferentes comunidades verbais: o grupo de amigos e os pais. Ele identifica que o controle sobre o comportamento varia conforme o "local e da cultura"(P4).

Categoria: Punição por Desvio da Norma (Vigilância Homofóbica)

Respostas Agrupadas:

P7: "Acho que existe ainda um taboo societário sobre ter múltiplos parceiros e, ao mesmo tempo, em alguns nichos, ter só um parceiro pode ser visto como retrógrado"

P9: "Escolhendo buscar somente uma parceiro é bem visto pela maioria na sociedade, porém nos eventos exclusivos masculinos, os mesmos questionam o pq a busca exclusiva e não de várias parceiras."

Análise Comportamental:

Estes relatos descrevem regras sociais conflitantes. Os participantes identificam que a sociedade em geral, uma comunidade verbal ampla, aplica punição social ao desvio da monogamia ("*taboo societário*") (P7) ou reforçamento social à monogamia ("*é bem visto pela maioria*") (P9). No entanto, eles discriminam que em "alguns nichos" ou "eventos exclusivos masculinos", as contingências se invertem. Nesses contextos, a monogamia é que se torna o comportamento desviante, sujeito à punição social ("*visto como retrógrado*"). Embora o segundo falante não descreva uma contingência punitiva explícita, os questionamentos ("*pq a busca exclusiva*") funcionam como vigilância verbal e mandos que sinalizam a desaprovação do grupo, reforçando a norma da performance quantitativa naquele contexto específico.

Categoria: A chancela da masculinidade pelos pares

Resposta:

P6: "Parece que existe uma pressão da comunidade gay sobre não monogamia e relacionamentos abertos e acho que eu me inseri nisso."

Análise comportamental:

Este relato ilustra a mesma dinâmica de pertencimento, mas, como o participante identifica, em um contexto homosocial diferente. A "*pressão*" indica que o comportamento de não monogamia é a condição para o reforçamento social positivo (pertencimento) dentro daquela "comunidade gay" específica.

Categoria: Rompimento com a Pressão do Grupo

Respostas Agrupadas:

P1: "As pessoas esperavam que após um termino eu virasse uma pessoa que fosse pegar todo mundo, ficar louco e não querer saber de nada. Eu não sou assim, gosto de me relacionar com sentimento."

P2: "Depende da relação com cada parceiro, mas no geral muitas pessoas não entendem, porem atualmente, com a parceira com a qual me relaciono, isso esta bem entendido entre os dois"

Análise comportamental:

Estes relatos descrevem comportamentos de contracontrole. No primeiro caso, o contracontrole é verbal: o falante primeiro emite um tato da regra social ("*As pessoas esperavam...*")(P1), e então emite uma regra concorrente que se opõe à norma ("*Eu não sou assim, gosto de me relacionar com sentimento*")(P2)

O segundo caso descreve uma mudança no controle de contingências. O falante reconhece a punição social da comunidade ampla ("*muitas pessoas não entendem*")(P2), mas relata que o controle sobre seu comportamento foi transferido. O controle aversivo do grupo externo foi enfraquecido e substituído pelas contingências de reforçamento (positivo e negativo) estabelecidas dentro do relacionamento ("*bem entendido entre os dois*")(P2). As regras do casal se tornaram mais potentes.

Sem Categoria: Fuga/Esquiva e Controle de Audiência (Tatos Impuros)

Respostas Agrupadas:

P5: "*Não me importo.*"

P8: "Apesar de existirem alguns que tentem corromper o meu relacionamento monogâmico, todos manifestam grande respeito pela minha convicção e decisão. Portanto, até hoje, nunca foi-me um incômodo."

Análise comportamental:

Estes relatos são exemplos de tatos impuros, onde o comportamento verbal é controlado menos por sua precisão descritiva e mais pelas consequências que produz no ouvinte (controle de audiência). A resposta "*Não me importo*"(P5), funciona como uma fuga/esquiva: o falante se esquiva de descrever as contingências aversivas (o julgamento) e, ao mesmo tempo, performa a impenetrabilidade (o "carvalho firme" que não é afetado pelo julgamento alheio).

O segundo relato (P8) é um exemplo sofisticado de controle de audiência. O falante constrói uma narrativa na qual ele é o protagonista: ele descreve uma tentativa de punição ("*tentem corromper*"), seu contracontrole ("*convicção*"), e uma consequência altamente reforçadora ("*manifestam grande respeito*"). A função do relato parece se apresentar à pesquisadora como um homem de princípios que transforma punição em admiração. Este repertório verbal provavelmente já é mantido em seu contexto social religioso, que reforça socialmente alguns padrões de comportamento (moralidade). Por fim, a frase final, "*nunca foi-me um incômodo*", é um tato impuro que funciona como um autoclítico descritivo, dessa narrativa, descrevendo a condição do protagonista e reafirmando a narrativa de controle e sucesso.

Pergunta 2. a) Antes de ter relações sexuais, você se sente pressionado a "performar" de determinada forma? O que desencadeia essa sensação?

Categoria: Medo da Falha Sexual (Pênis-centrismo)

Respostas Agrupadas:

(P4)"*Sim. Ansiedade.*"

(P9)"*Sim, medo de decepcionar a parceira e ser mal visto.*"

Análise Comportamental:

Este grupo de respostas verbaliza o evento privado central que antecede o ato sexual: a "*Ansiedade*"(P4) ou o "*medo*"(P9). Em termos funcionais, a "*ansiedade*" é uma resposta a um estímulo pré-aversivo (o contexto sexual) que sinaliza a possibilidade de um evento aversivo, o fracasso na performance e suas possíveis consequências aversivas: efeitos imediatos na parceira e possíveis efeitos na comunidade ("*ser mal visto*") (P9).

O "*medo de decepcionar a parceira*"(P9) é um tato direto dessa contingência aversiva. O comportamento de se preocupar com a performance é mantido pela ameaça de punição social, que é verbalizada como ser "*mal visto*"(P9).

Categoria: Mandato da Performance Qualitativa ("Comer... Bem")

Respostas Agrupadas:

(P3)"*Creio que há um sentimento de demonstrar ser 'bom de sexo', de dar prazer. Sinto que a sexualidade se tornou uma troca mais do que uma relação, e que eu tenho que 'fazer minha parte' ou serei menosprezado depois.*"

(P1)"*Sim! A primeira vez com uma pessoa nova você quer sempre impressionar ou não decepcionar pelo menos. Existe uma pressão grande em ser bom, pq as pessoas falam.*"

(P2)"*Sim. A construção da masculinidade em que o cara foda fará a parceira morrer de orgasmos, além de produções pornográficas que aumentam essa sensação de necessidade*"

Análise Comportamental:

Este grupo define a performance qualitativa exigida pelo "Dispositivo da Eficácia" (Zanello, 2024). A regra é "ser 'bom de sexo'"(P3), "impressionar"(P1) ou ser "o cara foda [que] fará a parceira morrer de orgasmos"(P2).

A performance é medida pelo resultado no corpo do outro ("*dar prazer*")(P3), transformando o ato em uma "*troca*"(P3). O fracasso em "*fazer minha parte*"(P3) é controlado pela ameaça de punição social: "*serei menosprezado depois*"(P3). A menção a "*produções pornográficas*"(P2) identifica corretamente uma das tecnologias de gênero que modelam esse

repertório, tratando o prazer feminino como um objeto a ser conquistado. A justificativa "*pq as pessoas falam*"(P1) identifica a comunidade verbal como a fonte de punição. Dessa forma, essa comunidade verbal não é necessariamente homosocial; a ambiguidade sugere que "*as pessoas que falam*"(P1) podem ser tanto os pares quanto as próprias parceiras, ampliando o escopo da vigilância.

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento")

Respostas Agrupadas:

(P6)"*Sim, costumava me sentir totalmente dependente do prazer do outro e sentia que precisava já saber de tudo e agir de uma forma dominante.*"

(P5)"*Como uma pessoa trans, o peso da masculinidade é avassaladora, e isso é projetado nas relações sexuais, majoritariamente como sendo forte e dominante.*"

Análise Comportamental:

O repertório operante descrito ("*agir de uma forma dominante*"(P6), "*forte e dominante*"(P5)) é mantido primariamente por reforçamento negativo. O estímulo do qual o falante se esquiva é a consequência aversiva de agir com "passividade". Dentro da regra da masculinidade hegemônica, a "passividade" é funcionalmente equivalente à não-masculinidade e é estabelecida como um estímulo punitivo social. Emitir comportamentos dominantes é o operante que permite ao falante evitar/fugir dessa punição.

No caso específico do "*homem trans*"(P5), o contexto social de ter sua "*identidade de gênero... constantemente posta à prova*"(P5) funciona como uma Operação Estabelecedora (OE). Essa OE intensifica o quão aversiva é a consequência da "passividade" (pois a invalidação social é mais provável) e, simultaneamente, aumenta o valor do reforço social positivo (a "validação") contingente à performance de dominância. O comportamento é, portanto, duplamente mantido pela esquiva da punição (invalidação) e pela busca do reforço positivo (validação).

Categoria: Comportamentos de Ruptura e Contracontrole

Resposta:

(P6)"*Sim, costumava me sentir totalmente dependente do prazer do outro e sentia que precisava já saber de tudo e agir de uma forma dominante. Hoje em dia eu não sinto mais tanto essa necessidade.*"

Análise Comportamental:

Esta resposta(P6) descreve uma mudança de repertório. O falante emite um tato de sua história passada de controle pelos mandatos (ser dependente do prazer do outro, precisar ser dominante). A frase "*Hoje em dia eu não sinto mais tanto essa necessidade*" é um tato de um comportamento de ruptura, indicando que o controle exercido por essa regra diminuiu de intensidade e seu repertório mudou.

Sem Categoria: Ausência de Descrição da Contingência/Respostas de Fuga

Respostas Agrupadas:

(P7)"*Não sou sexualmente ativo*"

(P8)"*Felizmente, minha parceira e eu ainda somos virgens, porquanto não somos casados.*"

Análise Comportamental:

Estas respostas indicam que a contingência da performance sexual não se aplica. O segundo relato, no entanto, é um operante verbal que se alinha com a análise da Pergunta 1.b, indicando que o comportamento (a virgindade) está sob o controle de regras de uma comunidade verbal religiosa, que compete com os mandatos hegemônicos.

Pergunta 2. b) O que você faz quando sente essa pressão?

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento")

Respostas Agrupadas:

(P4)"*Tento suprimir ela bem no fundo da mente e agir como se nada*"

(P9)"*Ignoro a existência.*"

(P1)"*Rezo um pai nosso sla. Kkkkkkkk*"

Análise Comportamental:

Este conjunto de respostas descreve comportamentos de esquiva experiencial. O evento privado aversivo é a "*sensação de pressão ou ansiedade*". Os comportamentos de "suprimir"(P4), "*Ignoro a existência*"(P9) e "*Rezo um pai nosso*"(P1) são operantes de fuga/esquiva cuja função é remover o contato com esse estímulo aversivo ou alterar o foco atencional para reduzir o estado aversivo.

Além disso, a risada ("*Kkkkkkkk*")(P1) é particularmente relevante, pois funciona como uma forma de mascarar a ansiedade, esquivando-se de se vulnerabilizar. Este repertório é consistente com a regra do "carvalho firme" (Mandato de Ser Impenetrável), que pune a demonstração ou mesmo o reconhecimento da vulnerabilidade emocional.

Categoria: Mandato da Performance Qualitativa ("Comer ... Bem")

Respostas Agrupadas:

(P2)"Tento performar"

(P3)"Normalmente eu acabo tentando seguir essa sensação e buscando dar prazer para minha parceira"

Análise Comportamental:

Este grupo, descreve a conformidade com a contingência da performance qualitativa. Em vez de se esquivar da situação, o indivíduo se engaja no comportamento exigido pela regra, apesar do estado aversivo. O comportamento é mantido por reforçamento negativo (evitar a punição da falha, como "*ser menosprezado*") e pela busca de reforçamento positivo (validação pela performance bem-sucedida).

Categoria: Comportamentos de Ruptura e Contracontrole

Respostas Agrupadas:

(P6)"Tento conversar com meu parceiro depois e tentar entender porque eu penso ou ajo dessa forma."

(P5)"Reforço para mim mesmo que essa pressão toda é uma construção social e não sou menos masculino por não atingir a esses padrões. Também conto com o apoio da minha companheira que sempre me conforta."

Análise Comportamental:

Estes relatos descrevem repertórios de contracontrole. O primeiro falante(*P6*) utiliza a comunicação e auto-observação a posteriori ("*depois*") como uma estratégia para analisar e, eventualmente, enfraquecer o controle pela regra.

O segundo relato(*P5*) é um exemplo de autocontrole por meio de auto-regras ("*Reforço para mim mesmo...*"). O falante formula verbalmente uma regra concorrente ("*não sou menos masculino...*") para competir com a regra social hegemônica. Além disso, ele busca ativamente uma fonte de reforçamento social alternativa (o "*conforto da companheira*"), transferindo o controle do grupo de pares para o da relação.

Sem Categoria/Categoria: Fuga/Esquiva (Tato Impuro e Controle de Audiência)/ Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento")

Resposta:

(P8)"Desconheço, mas obrigado pela preocupação."

Análise Comportamental:

Esta resposta verbal tem duas funções prováveis. Embora possa ser um tato puro (uma descrição literal de que o falante não sente a pressão), é mais provável que seja um tato impuro com função de fuga/esquiva e controle de audiência. Ao negar a existência da pressão de forma polida, o falante se esquiva de descrever uma vulnerabilidade (a ansiedade de performance). Ao fazer isso, ele performa o "Mandato de Ser Impenetrável" e, simultaneamente, encerra uma linha de questionamento potencialmente aversiva por parte do entrevistador.

Sem categoria: Ausência de Descrição da Contingência

Resposta:

(P7)"Não sou sexualmente ativo"

Análise Comportamental:

Esta resposta indica que a contingência de performance sexual descrita na pergunta não se aplica ao repertório atual do falante.

Pergunta 2. c) Como você se sente/como costuma lidar? O que acontece quando suas expectativas sobre seu desempenho sexual são frustradas?

Categoria: Medo da Falha Sexual (Pênis-centrismo) e Punição por Desvio da Norma (Vigilância Homofóbica):

Respostas Agrupadas:

P4:" O sentimento é, bem, de pressão e ansiedade, quando não o é ignorado. Em caso de frustração, há uma autocobrança pesada por certo tempo, além de mistos de tristeza e raiva).

P3:"Eu sinto que atrapalha um pouco na hora, por um nervosismo para performar, ficando mais atento aos comportamentos do que realmente no momento com a pessoa. Eu acabo me sentindo preocupado se eu não tenho certeza de que a pessoa gostou, de que isso irá impactar negativamente na relação”

P1:"Graças a Deus não tive desempenhos frustrados AINDA. Pq eu sei q uma hora chega 🤔🤔🤔"

P2:"Me sinto mal, com chance da pessoa com a qual me relaciono não querer mais, por preferir alguém que performe"

Análise Comportamental:

Este grupo de respostas descreve a forte natureza aversiva da contingência da performance. A "*frustração*"(P1) e o "*nervosismo para performar*"(P3) são respostas à possibilidade de punição. Quando a falha ocorre, o relato "*Me sinto mal*"(P2) é o tato do estado aversivo gerado. Essa "*autocobrança*"(P4) é um comportamento verbal aprendido: é uma punição que um dia ocorreu e que o ouvinte passa a emitir para si o que foi expresso pela comunidade verbal. Dessa maneira, o indivíduo (antes ouvinte e agora falante para si) aplica verbalmente consequências aversivas ao seu próprio comportamento (a falha), o que intensifica o estado aversivo. Por fim, os "*mistos de tristeza e raiva*" (p4) são os subprodutos emocionais resultantes dessa contingência de punição externa (real ou ameaçada) e desse comportamento verbal punitivo aprendido.

A fonte da punição social externa é frequentemente direcionada a parceira. O medo é do "impacto negativo na relação" ou, de forma mais extrema, da punição social máxima, o abandono ("*chance da pessoa... não querer mais*")(p2). O comportamento de se preocupar com a performance é, portanto, mantido pela esQUIVA dessa consequência aversiva.

O controle dessa regra é tão consistente que opera mesmo na ausência de uma história de falha. O participante que diz "*não tive... AINDA*"(p1) demonstra estar sob o controle da regra social de que a falha é inevitável.

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento")

Respostas Agrupadas:

P4: "*O sentimento é, bem, de pressão e ansiedade, quando não o é ignorado.*"

P5: "*Eu tento me distrair. Não me sinto muito frustrado com o meu desempenho sexual.*"

Análise Comportamental:

Este grupo descreve o manejo do sentimento aversivo através da esQUIVA experiencial, alinhada ao Mandato de Ser Impenetrável. A menção a "*quando não o é ignorado*"(P4) é um tato do uso da esQUIVA.

A resposta "*Eu tento me distrair*"(P5) descreve o mesmo operante de esQUIVA para lidar com um possível sentimento aversivo. A negação "*Não me sinto muito frustrado*"(P5) é um tato impuro que é a consequência dessa esQUIVA bem-sucedida. O falante se esQUIVA de pensar sobre a frustração e, portanto, seu relato verbal ("*não sinto*") é coerente com essa esQUIVA, cuja função é apresentar uma imagem de controle emocional, alinhada à regra do "carvalho firme".

Categoria: Comportamentos de Ruptura e Contracontrole

Respostas Agrupadas:

P6: *"Eu costumava achar isso normal, eu sempre esperava que o outro fosse a pessoa que teria prazer e eu não... Eu nunca tinha sentido que estava realmente aproveitando o sexo antes do meu primeiro relacionamento mais duradouro (2 anos), que dura até hoje."*

P9: *"Sentimento de frustração mas tento compensar de outras formas."*

Análise Comportamental:

Estes relatos descrevem comportamentos de ruptura com o mandato pênis-cêntrico. O falante que *"tenta compensar de outras formas"*(P9) demonstra um repertório mais flexível. Em vez de se fixar na "performance peniana", ele emite outros comportamentos com a função de dar prazer à parceira, focando na reciprocidade.

O outro relato (P6) descreve uma mudança de repertório. O falante narra uma história passada de ansiedade e foco na performance para o outro. Contudo, ele descreve que em um relacionamento duradouro, essa contingência perdeu força, e seu comportamento passou a ser controlado por outras variáveis, como o próprio prazer, sinalizando uma ruptura com o mandato.

Sem Categoria: Ausência de Descrição da ContingênciaRespostas Agrupadas:

P7: *"Não sou sexualmente ativo"*

P8: *"Não tenho nenhuma experiência no assunto."*

Análise Comportamental:

Finalmente, estes participantes indicam que a contingência de performance sexual e frustração não se aplica ao seu repertório atual.

Pergunta 3. a) Em um relacionamento íntimo, há momentos em que você se sente à vontade para compartilhar seus sentimentos? O que facilita ou dificulta essa abertura para você?

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento")Respostas Agrupadas:

P7: *"Tenho muita dificuldade até pela própria compreensão dos meus sentimentos ser algo difícil. Só compartilho esse tipo de coisa com pessoas que tenho muita confiança, o que leva tempo até acontecer."*

P9: *"Muito raramente, facilita não estar totalmente sóbrio e quando a pessoa já se abriu sobre algum sentimento para mim."*

P1: *"Existem momentos sim. Mas não tenho o costume de me abrir muito... homens que fazem isso são considerados fracos ou não podem... Por isso tenho dificuldade em me abrir e acredito que nunca meabri completamente com ninguém. Prefiro lidar sozinho com muitas coisas."*

Análise Comportamental:

Este grupo de respostas ilustra o Mandato de Ser Impenetrável (Zanello, 2024) em pleno funcionamento, onde o comportamento de se abrir é mantido sob forte controle aversivo.

Um participante(P1) verbaliza explicitamente a regra social que gera esse controle: *"homens que fazem isso são considerados fracos"*. Esta regra estabelece uma contingência de punição social que mantém os comportamentos de fuga/esquiva, como *"Prefiro lidar sozinho"* ou ter *"dificuldade em me abrir"*.

Uma consequência direta desse mandato é o déficit no repertório de auto-observação, como descrito em *"compreensão dos meus sentimentos ser algo difícil"*(P7). O mandato pune a atenção aos próprios eventos privados. Consequentemente, a abertura ocorre com baixa frequência (*"Muito raramente"*)(P9) e requer condições muito específicas, como o enfraquecimento do controle aversivo (através do uso de álcool - *"facilita não estar totalmente sóbrio"*)(P9) e também pela presença de estímulos discriminativos (S^D) de segurança (abertura apenas em contextos de *"muita confiança"*(P7) ou quando a *"pessoa já se abriu"*(P9), sinalizando menor probabilidade de punição).

Categoria: Comportamentos de Ruptura, Contracontrole e Emissão de Comportamentos de Cuidado

Respostas Agrupadas:

P4: *"Sim. Relações de confiança e reciprocidade facilitam isto "*

P3: *"Sim. Creio ser fundamental ter em um relacionamento a intimidade para compartilhar seus sentimentos. Uma coisa que facilita é se for algo recíproco e se a pessoa demonstrar verdadeiro interesse de entender a situação e te ouvir. Dificulta caso a pessoa pareça pouco preocupada com meus sentimentos.."*

P2: *"Sim. Facilita ver o comprometimento da pessoa com a relação "*

P5: *"Sim, essa abertura é facilitada pelo sentimento de segurança e pelo fato de que cultivo meus próprios padrões de masculinidade que são bem aceitos pela minha companheira. Isso diminui muito o peso dos padrões de gênero. "*

P8: *"Embora eu ainda não pratique o coito, presumo que seja de extrema importância que o casal esteja confortável e intimamente conectado em todos os quesitos: emocional, espiritual, físico e psicológico; visando a estabilidade e confiança mútua para uma melhor experiência."*

Análise Comportamental:

Em contraste com o controle aversivo da primeira categoria aqui discutido, este conjunto de respostas descreve comportamentos de ruptura e contracontrole, focados na "Emissão de Comportamentos de Cuidado".

Os falantes descrevem as condições (S^D) que estabelecem um ambiente de reforçamento social positivo, que é necessário para a abertura emocional. Esses S^Ds incluem "*Relações de confiança e reciprocidade*"(P4), "*verdadeiro interesse de entender*"(P3) e "*comprometimento*"(P2). A dificuldade, por outro lado, é um tato de um contexto de extinção: "*caso a pessoa pareça pouco preocupada*"(P3), onde o comportamento de se vulnerabilizar não produziria uma consequência reforçadora.

Um participante descreve um repertório de contracontrole, onde ele desenvolveu auto-regras ("meus próprios padrões de masculinidade") que são mantidas por uma fonte de reforçamento social alternativa e mais potente (a aceitação da companheira). Esse novo repertório compete e se sobrepõe às contingências punitivas do grupo de pares.

Outro participante, embora demonstre um viés onde "intimidade" é entendida primariamente como "sexo" (ao mencionar "coito")(P8) também formula uma regra de ruptura que valoriza a conexão emocional e a confiança mútua como pré-requisitos, opondo-se ao mandato do embrutecimento.

Categoria: Responsabilização e Auto-observação

Resposta:

P6: *"Sim, mas demorou muito até eu conseguir chegar nesse ligar. O mais difícil pra mim é verbalizar as minhas angústias e frustrações. Eu normalmente negava qualquer reação corporal que tinha."*

Análise Comportamental:

Este relato é particularmente elucidativo por descrever uma mudança de repertório ao longo do tempo. O falante emite um tato de sua história passada de adesão ao mandato: "*Eu normalmente negava qualquer reação corporal que tinha*". Este é um operante clássico de esquiva de eventos privados, alinhado ao Mandato de Ser Impenetrável. A sua capacidade atual de se abrir, embora com dificuldade, representa um comportamento de ruptura aprendido, indicando um processo de Responsabilização e Auto-observação.

Pergunta 3. b) Quando você passa por momentos em que se sente emocionalmente exposto ou mais sensível do que o habitual, como costuma reagir?

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável (“Embrutecimento”)

Respostas Agrupadas:

P4: *"Humor pseudo nervoso"*

P3: *"Às vezes, posso sentir como se eu estivesse compartilhando demais e que isso terá um impacto negativo, e tento suavizar fazendo piadas e brincadeiras para demonstrar que, na verdade, continuo no meu habitual"*

Análise Comportamental:

Estes relatos descrevem uma estratégia de esquivas mais sofisticada do que a simples fuga. O *"Humor pseudo nervoso"*(P4) e as *"piadas e brincadeiras"*(P3) são operantes verbais cuja função é "mascarar ou 'suavizar' a vulnerabilidade".

A segunda resposta(P3) é um tato explícito da contingência de punição social antecipada: o falante identifica a regra (*"isso terá um impacto negativo"*) e, como resultado, emite um comportamento verbal alternativo (a piada) para evitar a punição. Este operante permite ao falante performar o 'habitual', ou seja, o repertório de impenetrabilidade emocional, alinhando-se ao Mandato de Ser Impenetrável.

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável (“Embrutecimento”)

Respostas Agrupadas:

P7: *"Busco me isolar ou fico com vergonha"*

P6: *"Fico calado e demoro para falar. Fico apático e reativo muitas vezes."*

P9: *"Me fechar emocionalmente e recuar."*

P1: *"Fico quieto."*

P2: *"Particularmente, costumo ficar mais isolado, quase como se tentasse me proteger em mim mesmo"*

Análise Comportamental:

Este conjunto de respostas descreve a mesma classe de comportamento de esquivas, mas com uma topografia de fuga ou supressão. Os comportamentos de *"Isolar-se"*(P7), *"ficar calado"*(P6), *"ficar quieto"*(P1) e *"se fechar"*(P9) são operantes de fuga/esquivas.

A função desses operantes é remover o indivíduo do ambiente social. Ao fazer isso, o falante evita a consequência aversiva de ter sua vulnerabilidade exposta e, conseqüentemente, punida pela comunidade verbal, conforme a regra do 'carvalho firme'. Os tatos *"vergonha"*(P7),

"apático e reativo"(P6) são descrições dos eventos privados ou subprodutos gerados por este controle aversivo.

Categoria: Responsabilização e Auto-observação

Resposta:

"Geralmente eu não gosto de me expor para pessoas que eu não confio, pois isso pode ocasionar momentos de transfobia que impõe a masculinidade patriarcal. Então depende muito da pessoa em questão, caso seja alguém em que não confio acabo me isolando."

Análise Comportamental:

Esta resposta difere dos grupos anteriores, pois descreve uma esquiva condicional. O falante identifica com precisão a consequência punitiva específica de seu ambiente (*'momentos de transfobia'*). Portanto, o comportamento de esquiva (*"acabo me isolando"*) não é generalizado; ele é emitido apenas na presença de um estímulo pré aversivo que indica a possibilidade de punição, que são as *"pessoas que eu não confio"*. Embora seja uma esquiva, a capacidade de discriminar o ambiente e verbalizar a contingência representa um repertório de auto-observação e responsabilização.

Sem categoria: Fuga/Esquiva (Controle por Regras Alternativas)

Resposta:

P8: *"Busco seguir os ensinamentos bíblicos, para que eu saiba agir da melhor maneira possível."*

Análise Comportamental:

Este relato descreve um comportamento que está sob o controle de uma fonte de regras alternativa (a religião), que compete com as regras da masculinidade hegemônica. No entanto, a resposta bem genérica (*"buscar na bíblia quando enfrenta dificuldades"*) provavelmente funciona como uma esquiva da própria pergunta. Em vez de emitir um tato do evento privado aversivo (a sensação de estar *"emocionalmente exposto"*), o falante emite um intraverbal (*"ensinamentos bíblicos"*) que o esquiva de descrever sua vulnerabilidade, alinhando-se, em função, ao Mandato de Ser Impenetrável.

Pergunta 3. c) Quando você decide expressar ou evitar expressar sentimentos de maior sensibilidade, como isso impacta sua experiência? Percebe alguma diferença, seja nas reações das pessoas ou no seu próprio bem-estar?

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável (“Embrutecimento”)

Respostas Agrupadas:

P3: *"Me sinto muito decepcionado, irritado e triste quando não me sinto confortável ou que não posso expressar o que sinto ou penso sobre algo. Normalmente acabo segurando demais esse sentimento até o momento que isso me afeta, me deixando ansioso e com mudanças de humor."*

P5: *"Quando eu reprimo meus sentimentos o sentimento de solidão é bem maior."*

P1: *"Ja aprendi a lidar com isso. Se me pressionam pra falar algo, eu falo, Mas eu costumo brincar sobre."*

P7: *"É o que eu tendo a fazer sempre, então para mim não isso é o normal."*

Análise Comportamental:

Este grupo de respostas(p3) fornece um tato preciso das consequências aversivas de longo prazo do comportamento de esquiva experiencial, alinhado ao Mandato de Ser Impenetrável. "Segurando demais" ou suprimindo o sentimento (o operante de esquiva) remove o risco de punição social imediata. Contudo, essa esquiva produz um conjunto de novos estímulos aversivos, como s ubprodutos emocionais ("*irritado*", "*triste*", "*ansioso*" ou um "*sentimento de solidão... bem maior*"). Este pode ser o custo de se conformar ao mandato.

Outro relato(P1) descreve uma estratégia de esquiva sofisticada: o falante emite o comportamento verbal ("*eu falo*"), mas usa o humor ("*brincar sobre*") para evitar o contato com a vulnerabilidade e a punição social associada à seriedade emocional.

Finalmente, a resposta (P7) "*isso é o normal*" é ambígua, pois pode indicar uma falta de repertório de auto-observação (a esquiva é tão crônica que se torna "*o normal*") ou pode ser uma fuga/esquiva da própria questão.

Categoria: Punição por Desvio da Norma (Vigilância Homofóbica)

Resposta:

P9: *"Na maioria das vezes que expresso qualquer sentimento é tratado como fraqueza e julgado a capacidade de resolver meus problemas sozinho."*

Análise Comportamental:

Este é um relato de uma contingência de punição social. O comportamento de expressar vulnerabilidade (o desvio da norma) é diretamente seguido por uma consequência aversiva ("*tratado como fraqueza*", "*julgado*"). Essa contingência pune o comportamento de se expressar com vulnerabilidade e, conseqüentemente, fortalece o repertório de esquiva.

Categoria: Comportamentos de Ruptura

Respostas Agrupadas:

P6: *"Eu fico muito bem quando me expresso. Parece que tenho uma descarga de relaxamento pelo meu corpo todo e me sinto mais próximo do meu parceiro."*

P2: *"Percebo uma boa abertura das pessoas, a grande maioria costuma entender e simpatizar comigo, me ajudando a resolver a questão"*

Análise Comportamental:

Em contraste direto com as respostas anteriores, estes relatos descrevem as consequências reforçadoras de um comportamento de ruptura. O comportamento de se expressar é mantido por duas fontes de reforço: o reforçamento negativo (a "descarga de relaxamento"(P6) e o sentir-se muito melhor (mencionado em resposta similar) funcionam como a "remoção da ansiedade") e o reforçamento social positivo (o sentimento de "proximidade com o parceiro"(P6), a "boa abertura"(P2), simpatia e ajuda são consequências de acolhimento). Essa combinação de descarga de relaxamento e proximidade é exatamente o efeito que a FAP (Psicoterapia Analítica Funcional) descreve sobre o se vulnerabilizar" e ser acolhido (Tsai, 2011).

Sem Categoria: Conflito de Contingências e Controle Discriminativo

Respostas Agrupadas:

P4: *"No caso da expressão, há uma ansiedade sobre se será bem recebido; na ausência, um sentimento de que faltou algo. Percebo uma diferença sim."*

P8: *"No quesito social, me sinto confortável em não exprimir todos os meus sentimentos às pessoas, mas muito confio em minha parceira e em Deus, o que me faz ser transparente tanto com ela e, principalmente, com Deus."*

Análise Comportamental:

Estes relatos descrevem o conflito de contingências e a solução para ele. O primeiro falante (P4) descreve o dilema: a "ansiedade sobre se será bem recebido" é a resposta à ameaça de punição social. No entanto, "o 'sentimento de que faltou algo'" (ao evitar) é um estado aversivo que resulta do comportamento de esquiva. Isso sugere que este é o custo de se conformar à norma, indicando que um reforçador não foi acessado.

O segundo relato (P8) apresenta a solução para este conflito: o controle discriminativo. O falante emite o comportamento de esquiva na presença de um público geral ("pessoas") para evitar a punição. Contudo, ele emite o comportamento de abertura em contextos específicos e seguros ("com a parceira, com Deus"), onde o comportamento é provavelmente reforçado.

Pergunta 4. a) Quando está em uma relação íntima, você já se sentiu pressionado a não expressar sentimentos? Em que situações isso ocorre?

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento")

Resposta:

P3: *"Às vezes, sim. Creio que ocorre quando um assunto é recorrente, como se tivesse que demonstrar que consigo lidar com o problema, que estou reclamando demais. Em geral também, evito e seguro o choro."*

Análise Comportamental:

Este relato descreve um comportamento governado por regras alinhado ao Mandato de Ser Impenetrável. O falante emite atos que descrevem a regra social: a obrigação de ser autossuficiente ("*demonstrar que consigo lidar com o problema*") e o controle aversivo sobre a queixa ("*reclamando demais*"). Esta regra especifica uma contingência de punição social para a expressão de vulnerabilidade. Conseqüentemente, o comportamento de "*evitar e segurar o choro*" funciona como um operante de fuga/esquiva. Este operante é mantido por reforçamento negativo, pois sua emissão evita a consequência social aversiva (a punição por "*reclamar*" ou parecer fraco).

Categoria: A Chancela da Masculinidade pelos Pares

Respostas Agrupadas:

P7: *"Nunca namorei, mas em uma relação íntima em outros sentidos, como família e amigos (homens) próximos, isso ocorre desde a infância, com sentimentos 'maiores' como a tristeza ou até alegria"*

P6: *"Sim, principalmente em sexo casual. Nunca diretamente nos encontros, mas parece que é algo que as pessoas esperam que você faça. Os aplicativos de encontro e comunidades gays em redes sociais agravam muito esse cenário. É muito frequente ver comentários / comportamentos de pessoas super masculinizadas sendo enaltecidos."*

Análise Comportamental:

Estes relatos identificam as fontes de controle que modelam e mantêm o Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento"). O primeiro relato (P7) é um tato explícito dos agentes da contingência (a comunidade verbal): família e amigos (homens) próximos. Ele descreve uma longa história de punição social ("*desde a infância*") que é aplicada contingentemente ao comportamento operante de expressar "*sentimentos 'maiores' como a tristeza ou até alegria*". Esta história de controle aversivo é o que modelou e mantêm o repertório de embrutecimento,

que é, funcionalmente, uma classe de comportamentos de fuga/esquiva da própria expressão de respostas emocionais.

O segundo relato (P6) descreve a outra face dessa contingência: o reforçamento social positivo. Em comunidades online (como "*aplicativos de encontro e comunidades gays em redes sociais*"), que funcionam como contingências patriarcais digitais, o reforçador social ("*sendo enaltecidos*") é diretamente contingente à emissão de "*comportamentos de pessoas super masculinizadas*". Este repertório ("super masculinizado") é definido pela ausência de vulnerabilidade, ou seja, pela emissão de comportamentos de esquiva experiencial. A verbalização "parece que é algo que as pessoas esperam" é o tato de uma regra social implícita, que descreve essa contingência de "Chancela pelos Pares" e exerce controle sobre o comportamento do falante.

Categoria: Desresponsabilização Afetiva e Controle (Violências Invisibilizadas)

Respostas Agrupadas:

P9: "*Sim, em situações em que meus sentimentos impactariam a convivência dela com a família, em situações que ela não está bem emocionante então qualquer sentimento foi desprezado outras vezes, em situações que n considero ter a intimidade para compartilhar.*"

P1: "*Sim. A pessoa ja tem problemas suficientes pra que ocupar ela com mais. Gosto de ser um porto seguro.*"

Análise Comportamental:

Este grupo de respostas descreve como o comportamento de esquiva (especificamente, "evitar a vulnerabilidade... de forma relacional" com a parceira) é estabelecido e mantido por múltiplas contingências. O processo se inicia com o estabelecimento do comportamento através do controle punitivo: o primeiro relato é um tato de uma história de punição direta, onde a consequência aversiva ("*qualquer sentimento foi desprezado outras vezes*") (P9) foi aplicada contingentemente ao comportamento de se expressar. Essa história estabeleceu contextos de expressão emocional como um estímulo pré-aversivo para punição, que agora controla o comportamento atual de não se abrir.

Uma vez estabelecido, o comportamento de esquiva é mantido no presente por regras que os falantes emitem. Essas regras, frequentemente disfarçadas de "cuidado" ("*quando ela não está bem*", "*A pessoa ja tem problemas suficientes*") (P9), funcionam como antecedentes verbais que "justificam" a esquiva e se alinham à regra social mais ampla de "*ser um 'porto seguro'*" (P1).

Finalmente, este repertório de esquiva relacional é mantido por um poderoso esquema de reforçamento duplo: ele é mantido por reforçamento negativo, pois remove o falante da situação aversiva de se mostrar emocionalmente exposto, e, ao mesmo tempo, é mantido por reforçamento positivo, pois seguir a regra de "*ser um porto seguro*" coloca o falante em um papel socialmente reforçado (o protetor). A desresponsabilização pela construção dessa mesma intimidade é um subproduto desse processo, no qual o comportamento, por ser tão altamente reforçado (SR- e SR+), entra em conflito e suprime os comportamentos de construção de intimidade.

Categoria: Ausência de Descrição da Contingência

Respostas Agrupadas:

P4: "*Não.*"

P5: "*Não*"

P2: "*Não, nunca*"

P8: "*Desconheço essa sensação.*"

Análise Comportamental:

Estes operantes verbais representam uma ausência de descrição da contingência de pressão. Os falantes não emitem o tato da pressão sugerida pela pergunta.

Pergunta 4. b) O que você faz quando sente vontade de expressar seus sentimentos, mas acredita que isso será visto como fraqueza?

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento")

Respostas Agrupadas:

P4: "*Cara de paisagem e ficar em silêncio*"

P3: "*Normalmente eu retenho meus sentimentos, mas fico mais introspectivo, menos animado, acabo me engajando menos com a pessoa.*"

P7: "*Não expesso, mas é difícil eu sentir vontade*"

P6: "*Eu costumava ter apatia ou me retirar da situação.*"

P1: "*Nao expesso.*"

P9: "*Não expesso.*"

Análise Comportamental:

Todos esses relatos descrevem diferentes topografias de uma mesma classe de comportamento: a fuga/esquiva. Os operantes ("*Ficar em silêncio*"(P4), "*reter os*

sentimentos"(P3), *"não expressar"*(P1 e P9), *"se retirar"* (P6)) não têm como função primária evitar a experiência (o sentimento), mas sim evitar a consequência aversiva social de serem julgados como “fracos” ao se comportarem dessa forma. O comportamento é mantido por reforçamento negativo, pois remove o indivíduo da contingência de punição social.

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável (“Embrutecimento”)

Resposta:

P5: *"Falo de maneira discreta para entender o ambiente, se for de fato visto como uma fraqueza eu não me sinto a vontade."*

Análise Comportamental:

Este relato descreve um comportamento de esquiva condicional e discriminado. O entrevistado não emite a esquiva ou a abertura de se vulnerabilizar imediatamente; ele primeiro emite um comportamento (*'Falo de maneira discreta'*) para testar a contingência do ambiente. Se a resposta do ambiente sinaliza punição (*“visto como uma fraqueza”*), o comportamento de se abrir é suprimido. Isso demonstra que a regra de 'não parecer fraco' exerce um forte controle sobre o seu comportamento.

Sem Categoria: Conflito de Contingências (Ruptura e Esquiva)

Resposta:

P2: *"Expresso do mesmo jeito, ou busco uma forma que não pareça fraqueza"*

Análise Comportamental:

Esta resposta possui uma dupla interpretação. A primeira parte, *"Expresso do mesmo jeito"*, é um claro comportamento de contracontrole, uma ruptura com a regra social. No entanto, a segunda parte, *“ou busco uma forma que não pareça fraqueza”*, descreve uma estratégia de esquiva. Nela, o sentimento é expresso, mas com uma topografia que mascara a vulnerabilidade para evitar a punição.

Categoria: Comportamento de Ruptura

Resposta:

P8: *"Expresso minhas 'fraquezas' a Deus e à minha parceira."*

Análise Comportamental:

Este é um comportamento de ruptura sob controle discriminativo. O entrevistado emite o comportamento de expressar sentimentos, mas apenas em contextos específicos e seguros (com a parceira, com Deus), onde a probabilidade de punição é nula e a de reforçamento

positivo é alta. Ele discrimina os ambientes e escolhe romper com a norma apenas onde é seguro fazê-lo.

Pergunta 4. c) O que acontece quando você de fato expressa suas emoções?

Categoria: Comportamentos de Ruptura

Respostas Agrupadas:

P4: *"Pergunta muito ampla, varia extremamente. Mas via de regra, há uma sensação de leveza."*

P6: *"Muitas vezes é difícil... mas quando eu falo, normalmente me sinto muito melhor."*

P5: *"Me sinto mais leve e menos só."*

P2: *"Me sinto muuuito melhor, ainda mais quando sou compreendido e ajudado"*

P1: *"Depende do que for, se for algo emotivo me sinto mais proximo da pessoa e acolhido?"*

Análise Comportamental:

Todos estes relatos descrevem as consequências reforçadoras que mantêm o comportamento de expressar sentimentos, ou seja, o comportamento de ruptura com o mandato. O comportamento é mantido por um duplo mecanismo: o reforçamento negativo (a "sensação de leveza"(P4), "sentir-se muito melhor"(P2) e "mais leve" (P5) são descrições da remoção de um estado aversivo (ansiedade, peso) e a de reforçamento social positivo (consequências como "ser compreendido e ajudado"(P2), sentir-se "menos só"(P5), "proximo da pessoa e acolhido"(P1) são exemplos de acolhimento).

Essas consequências mantêm o comportamento de ruptura, mesmo que ele seja difícil de emitir. A presença do ponto de interrogação no último relato sugere que esse reforçamento pode ocorrer em um esquema intermitente o que pode gerar incerteza.

Categoria: Punição por Desvio da Norma (Vigilância Homofóbica)

Resposta:

P9: *"No geral são mal vistas e julgadas como uma fonte de incapacidade de resolver problemas ou apenas descartadas."*

Análise Comportamental:

Em contraste direto com as primeiras respostas agrupadas para essa questão, este é um relato explícito da contingência de punição social. O comportamento ("expressar emoções") é seguido por consequências aversivas ("mal vistas", "julgadas"). Esta contingência pune o comportamento de se expressar com vulnerabilidade e fortalece o repertório de esQUIVA.

Categoria: Conflito (Ruptura e Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento"))

Resposta:

P3: *"Normalmente muito alívio, me ajuda a me sentir mais próximo e seguro da pessoa, mas me preocupa que eu tenha expostos demais ou que a pessoa me veja com alguma dificuldade"*

Análise Comportamental:

Este relato ilustra perfeitamente o conflito de contingências. O comportamento de se expressar é seguido por consequências reforçadoras ("alívio", "sentir-se mais próximo"). No entanto, a "preocupação" de ser visto com "dificuldade" é a antecipação de uma punição social, alinhada ao Mandato de Ser Impenetrável. O indivíduo emite o comportamento de ruptura, mas ainda está sob o controle da regra que pune a vulnerabilidade.

Categoria: Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento")

Resposta:

P7: *"Principalmente quando eu era mais novo, eu costumava 'explodir' quando eu não conseguia mais guardar a emoção, mas hoje em dia sou muito mais calmo. Tipicamente, eu não tenho grandes desvios de emoções e consigo refletir sobre a situação que me fez sentir algo específico, não tendo muita necessidade de expressar isso para os outros."*

Análise Comportamental:

O entrevistado descreve ter desenvolvido um repertório mais sofisticado de esquiva experiencial. Ele relata uma história passada de "explodir", mas agora utiliza a reflexão como uma forma de lidar com os sentimentos sem a "necessidade de expressar isso para os outros". A função do comportamento continua sendo a de evitar a expressão externa, em conformidade com a regra do "carvalho firme".

Categoria: Comportamento de Ruptura

Resposta:

P8: *"Recebo a atenção, compreensão e consolo de minha parceira, além do conforto e segurança oferecidos pelo Senhor. Em meu ver, não há ninguém melhor que Deus para ser o meu refúgio e ouvinte, e não há mulher que saiba ajudar-me corretamente, senão aquela que o próprio Criador me deu."*

Análise Comportamental:

O comportamento de expressar sentimentos ocorre sob um forte controle de estímulos. O entrevistado emite o comportamento apenas na presença de estímulos que sinalizam um

ambiente seguro e reforçador (a parceira e Deus), onde a consequência é “*atenção, compreensão e consolo*”. Ele discrimina os ambientes e rompe com a norma apenas onde a punição é improvável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral estudar as aproximações entre a Análise do Comportamento (AC) e os estudos de gênero, focando-se no objetivo específico de analisar funcionalmente os pilares da virilidade sexual que compõem o "dispositivo da eficácia" de Valeska Zanello (2024), a partir do relato de homens brasileiros.

Os resultados obtidos, analisados através do Método Reno (2017), permitiram confirmar a hipótese central. A análise funcional dos relatos demonstrou que a virilidade sexual é, de fato, um repertório comportamental performativo, mantido por um complexo e, por vezes, contraditório arranjo de contingências sociais.

A análise da Categoria 1 (Virilidade Sexual) revelou que o comportamento dos participantes é governado por um "Mandato da Performance" que se manifesta tanto quantitativa quanto qualitativamente. Observou-se que esse repertório é mantido por reforçamento social positivo (a busca por status, ser validado como "foda"), mas é primariamente controlado por contingências aversivas (DESCREVA UM EXEMPLO AQUI TAMBÉM). O "Medo da Falha Sexual (Pênis-centrismo)" mostrou como o comportamento é mantido por reforçamento negativo (a esquiva da punição social de ser "mal visto", "menosprezado" ou abandonado).

A fonte primária desse controle foi identificada na Categoria 3 (A Pressão da "Casa dos Homens"). Os relatos confirmaram que o grupo homosocial funciona como a principal comunidade verbal. A "Chancela da Masculinidade pelos Pares" atua como o principal mecanismo de reforçamento positivo, enquanto a "Punição por Desvio da Norma" (vigilância) funciona como a contingência punitiva que suprime repertórios "desviantes".

O principal subproduto desse sistema, identificado na Categoria 1 e na Categoria 2 (Dinâmicas de Relacionamento), é o "Mandato de Ser Impenetrável ("Embrutecimento)". A análise revelou como a punição histórica à vulnerabilidade modela uma classe de comportamentos de fuga/esquiva. Essa esquiva manifestou-se como o "carvalho firme" (silêncio, humor, isolamento) e, de forma mais sutil, como uma "Desresponsabilização Afetiva e Controle", onde a esquiva relacional é justificada com a topografia de "cuidado" (ex: "ser um porto seguro").

A Categoria 4 (Comportamentos de Ruptura e Contracontrole) foi fundamental para demonstrar que o controle hegemônico pode ser enfraquecido por contingências concorrentes. Os relatos de "Rompimento com a Pressão do Grupo" e a "Emissão de Comportamentos de Cuidado" indicam que, sob o controle discriminativo de ambientes seguros (como uma parceira

que acolhe), o comportamento de se vulnerabilizar pode ser instalado e mantido por reforçadores potentes (reforçamento negativo, como a "descarga de relaxamento", e reforçamento social positivo, como a "proximidade").

A principal contribuição desta pesquisa reside na sua abordagem metodológica e teórica. Ao aplicar a Análise Comportamental do Discurso (ACD) através do Método Reno (Xavier et al., 2017), foi possível não apenas descrever o discurso, mas analisá-lo funcionalmente, identificando as variáveis de controle (regras, S^Ds, S^Δs, OE, SR+, SR-, P+) que mantém o dispositivo. A pesquisa ofereceu um detalhamento funcional de como o "dispositivo da eficácia" (Zanello, 2024) opera, dando suporte empírico e analítico-comportamental às suas teses. O Método Reno mostrou-se uma ferramenta metodológica, permitindo que o referencial teórico (Zanello, 2024) funcionasse como o "repertório do pesquisador" (Passo 5) e que os princípios da AC fossem o guia para a análise.

É fundamental reconhecer as limitações deste estudo. Sendo uma pesquisa qualitativa por formulário online, os achados não permitem generalização. A coleta de dados escrita (Passo 2) impediu a análise de topografias verbais ricas, como ênfases ou hesitações, que Xavier et al. (2017) apontam como relevantes. Além disso, a própria análise funcional (ex: Pergunta 1.b) sugeriu um forte "controle de audiência", onde as respostas podem ter funcionado como "tatos impuros" para manejar a impressão da pesquisadora. Ironicamente, esta limitação é também um dado, demonstrando que a performance da masculinidade se estende ao próprio contexto da pesquisa.

Pesquisas futuras podem se beneficiar da replicação deste estudo com entrevistas semi-estruturadas, o que permitiria uma análise mais profunda das contingências. Além disso, a hipótese original desta pesquisa, que incluía a "virilidade laborativa", deve ser retomada, investigando como os pilares sexual e laborativo se entrelaçam e, por vezes, se compensam. Finalmente, um campo promissor de investigação seria focar na Categoria 4 ("Comportamentos de Ruptura"). Entender como construir e reforçar esses repertórios de contracontrole (como a auto-observação, a responsabilização e a vulnerabilidade em contextos seguros) é um passo fundamental para que a Análise do Comportamento contribua efetivamente para a desconstrução de práticas culturais opressivas e para a promoção da saúde mental dos homens, reduzindo os índices alarmantes de sofrimento e suicídio citados na introdução deste trabalho. (Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (BRASIL, 2024))

REFERÊNCIAS

BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Boletim Epidemiológico**, Brasília/DF, v. 55, n. 4, fev., 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024>>. Acesso em: 20 mai. 2024.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, abr. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 07 junho 2024.

DITTRICH, A.; ABIB, J. A. D. O sistema ético skinneriano e consequências para a prática dos analistas do comportamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 427–433, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/qpFVPMqHPkGgy44wLyTjdst/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 12 abril 2024.

KIMMEL, M. S. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Revista Equatorial**, Natal, v. 03, n. 04, p. 97-124, 2016.

LAURENTI, C.; LOPES, C. E. Uma Análise do Comportamento Contracultural: perspectivas e desafios. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 25-40, 2022. Disponível em: <<https://revistaperspectivas.emnuvens.com.br/perspectivas/article/view/833>>. Acesso em: 12 abril 2024.

MACIEL JUNIOR, P. de A. **Tornar-se homem: o projeto masculino na perspectiva de gênero**. 2006. 192f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.

NICOLODI, L.; ZANELLO, V. Poder, patriarcado e dispositivos de gênero no manejo clínico analítico-comportamental. In: OSHIRO, C. K. B.; VARTANIAN, J. F. (Orgs.). **Habilidades terapêuticas na prática da psicoterapia**. Santana de Parnaíba/SP: Manole, 2023, v. 1. p. 281-293.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento Humano**. Brasília: UnB/FUNBEC, 1953.

SKINNER, B. F. **O mito da liberdade**. Rio de Janeiro: Bloch, 1971.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo** (1974). São Paulo: Cultrix/Edusp, 1982.

SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

TSAI, Mavis et al. **Um Guia para a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP): Consciência, Coragem, Amor e Behaviorismo**. Organização: Fátima Cristina de Souza Conte, Maria Zilah da S. Brandão. [S.l.]: Springer; ESEtec

XAVIER, G. S. et al. Método Reno: uma proposta para análise comportamental do discurso. **Revista Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 8, n. 1, p. 120-134, 2017.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

ZANELLO, V. **A Prateleira do Amor: Sobre Mulheres, Homens e Relações**. Curitiba: Appris, 2022.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, V. **Masculinidade e dispositivo da eficácia: guia de autorreflexão e desconstrução do machismo para homens**. Ilustrações de Alexandre De Nadal. Brasília: Calon, 2024.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

1. a) Você já se sentiu incentivado a não ter um(a) único(a) parceiro(a) fixo(a) ou a buscar múltiplos(as) parceiros(as)? Em que situações isso aconteceu?

Sim. No pré e durante meu namoro.

Sim. Principalmente no ensino médio, parecia haver um entendimento de que aproveitar a sua idade mais jovem é se relacionar com o maior número possível de parceiros. Existia uma pressão para sair e flertar com qualquer garota, além de falas sobre colegas e amigas entre o grupo de homens

Não incentivado, mas discussões sobre a monogamia/poliamor são recorrentes

Sim, ouvi várias vezes que não deveria me prender a ninguém e que quanto mais experiências melhor e mais quanto mais pessoas me quisessem melhor. Isso aconteceu entre amigo e redes sociais principalmente.

Já, em situações sociais com a presença exclusiva de homens.

Não.

Não

Sim. Entre amigos e colegas, aonde a pessoa que é foda é aquela que fica com várias pessoas.

Infelizmente, sim. Por alguma razão, ao obterem conhecimento sobre o meu relacionamento monogâmico com minha parceira – que está estável, muitos homens e mulheres escarnecem e tentam persuadir-me a ser secretamente adúltero ou consensualmente transformar o meu relacionamento em algo promíscuo.

b) Quais comportamentos ou atitudes você considera importante quando se relaciona com um(a) parceiro(a)?

Senso de humor, compreensão e empatia

Atenciosidade, comunicação, escuta, paciência, cooperação, demonstração de afeto

Respeito, comunicação, afeto, compreensão

Comunicação clara e disponibilidade emocional

Clareza sobre intenções, diálogo sobre qualquer tema para resolução de conflito, lealdade e singularidade da relação.

Fidelidade, reciprocidade, verdadeira, apaixonada, pensa em um futuro junto.

Respeito, carinho e atenção.

Sinceridade e comprometimento

Sobretudo, valorizo o temor sincero que um casal possa demonstrar ao Senhor, guardando Seus puros mandamentos e vivendo em prol de Sua glória. De tal modo, acredito que seja difícil que esse casal se frustre.

c) O que você pensa sobre a reação das pessoas quando você escolhe buscar ou não múltiplos(as) parceiros(as)?

Natural e fruto do meio que vivem/viveram

Creio que meus amigos não teriam nenhuma reação, mas meus pais ficariam incomodados, provavelmente sentiriam que eu 'faltei com respeito' que me deram. A opinião de outras pessoas iria variar muito do local e da cultura.

Acho que existe ainda um taboo societário sobre ter múltiplos parceiros e, ao mesmo tempo, em alguns nichos, ter só um parceiro pode ser visto como retrógrado

Parece que existe uma pressão da comunidade gay sobre não monogamia e relacionamentos abertos e acho que eu me inseri nisso.

Escolhendo buscar somente uma parceiro é bem visto pela maioria na sociedade porém nos eventos exclusivos masculinos, os mesmos questionam o pq a busca exclusiva e não de várias parceiras.

As pessoas esperavam que após um termino eu virasse uma pessoa que fosse pegar todo mundo, ficar louco e não querer saber de nada. Eu não sou assim, gosto de me relacionar com sentimento.

Não me importo.

Depende da relação com cada parceiro, mas no geral muitas pessoas não entendem, porem atualmente, com a parceira com a qual me relaciono, isso esta bem entendido entre os dois

Apesar de existirem alguns que tentem corromper o meu relacionamento monogâmico, todos manifestam grande respeito pela minha convicção e decisão. Portanto, até hoje, nunca foi-me um incômodo.

2. a) Antes de ter relações sexuais, você se sente pressionado a "performar" de determinada forma? O que desencadeia essa sensação?

Sim. Ansiedade.

Creio que há um sentimento de demonstrar ser "bom de sexo", de dar prazer. Sinto que a sexualidade se tornou uma troca mais do que uma relação, e que eu tenho que "fazer minha parte" ou serei menosprezado depois.

Não sou sexualmente ativo

Sim, costumava me sentir totalmente dependente do prazer do outro e sentia que precisava já saber de tudo e agir de uma forma dominante. Hoje em dia eu não sinto mais tanto essa necessidade.

Sim, medo de decepcionar a parceira e ser mal visto.

Sim! A primeira vez com uma pessoa nova você quer sempre impressionar ou não decepcionar pelo menos. Existe uma pressão grande em ser bom, pq as pessoas falam.

Como uma pessoa trans, o peso da masculinidade é avassaladora, e isso é projetado nas relações sexuais, marjoritariamente como sendo forte e dominante.

Sim. A construção da masculinidade em que o cara foda fará a parceira morrer de orgasmos, alem de produções pornográficas que aumentam essa sensação de necessidade

Felizmente, minha parceira e eu ainda somos virgens, porquanto não somos casados.

b) O que você faz quando sente essa pressão?

Tento suprimir ela bem no fundo da mente e agir como se nada

Normalmente eu acabo tentando seguir essa sensação e buscando dar prazer para minha parceira

Não sou sexualmente ativo

Tento conversar com meu parceiro depois e tentar entender porque eu penso ou ajo dessa forma.

Ignoro a existência.

Rezo um pai nosso sla. Kkkkkkkk

Reforço para mim mesmo que essa pressão toda é uma construção social e não sou menos masculino por não atingir a esses padrões. Também conto com o apoio da minha companheira que sempre me conforta.

Tento performar

Desconheço, mas obrigado pela preocupação.

c) Como você se sente/como costuma lidar? O que acontece quando suas expectativas sobre seu desempenho sexual são frustradas?

O sentimento é, bem, de pressão e ansiedade, quando não o é ignorado. Em caso de frustração, há uma autocobrança pesada por certo tempo, além de mistos de tristeza e raiva

Eu sinto que atrapalha um pouco na hora, por um nervosismo para performar, ficando mais atento aos comportamentos do que realmente no momento com a pessoa. Eu acabo me sentindo preocupado se eu não tenho certeza de que a pessoa gostou, de que isso irá impactar negativamente na relação

Não sou sexualmente ativo

Eu costumava achar isso normal, eu sempre esperava que o outro fosse a pessoal que teria prazer e eu não. Me sentia ansioso antes e depois de atos sexuais. Eu nunca tinha sentido que estava realmente aproveitando o sexo antes do meu primeiro relacionamento mais duradouro (2 anos), que dura até hoje.

Sentimento de frustração mas tento compensar de outras formas.

Graças a Deus não tive desempenhos frustrados AINDA. Pq eu sei q uma hora chega 🙏🙏🙏

Eu tento me distrair. Não me sinto muito frustrado com o meu desempenho sexual.

Me sinto mal, com chance da pessoa com a qual me relaciono não querer mais, por preferir alguém que performe

Não tenho nenhuma experiência no assunto.

3. a) Em um relacionamento íntimo, há momentos em que você se sente à vontade para compartilhar seus sentimentos? O que facilita ou dificulta essa abertura para você?

Sim. Relações de confiança e reciprocidade facilitam isto

Sim. Creio ser fundamental ter em um relacionamento a intimidade para compartilhar seus sentimentos. Uma coisa que facilita é se for algo recíproco e se a pessoa demonstrar verdadeiro interesse de entender a situação e te ouvir. Dificulta caso a pessoa pareça pouco preocupada com meus sentimentos.

Tenho muita dificuldade até pela própria compreensão dos meus sentimentos ser algo difícil. Só compartilho esse tipo de coisa com pessoas que tenho muita confiança, o que leva tempo até acontecer.

Sim, mas demorou muito até eu conseguir chegar nesse lugar. O mais difícil pra mim é verbalizar as minhas angústias e frustrações. Eu normalmente negava qualquer reação corporal que tinha.

Muito raramente, facilita não estar totalmente sóbrio e quando a pessoa já se abriu sobre algum sentimento para mim.

Existem momentos sim. Mas não tenho o costume de me abrir muito... homens que fazem isso são considerados fracos ou não podem... Por isso tenho dificuldade em me abrir e acredito que nunca me abri completamente com ninguém. Prefiro lidar sozinho com muitas coisas.

Sim, essa abertura é facilitada pelo sentimento de segurança e pelo fato de que cultivo meus próprios padrões de masculinidade que são bem aceitos pela minha companheira. Isso diminui muito o peso dos padrões de gênero. Dessa forma eu me sinto confortável em expressar meus sentimentos e frustrações.

Sim. Facilita ver o comprometimento da pessoa com a relação

Embora eu ainda não pratique o coito, presumo que seja de extrema importância que o casal esteja confortável e intimamente conectado em todos os quesitos: emocional, espiritual, físico e psicológico; visando a estabilidade e confiança mútua para uma melhor experiência.

b) Quando você passa por momentos em que se sente emocionalmente exposto ou mais sensível do que o habitual, como costuma reagir?

Humor pseudo nervoso

Às vezes, posso sentir como se eu estivesse compartilhando demais e que isso terá um impacto negativo, e tento suavizar fazendo piadas e brincadeiras para demonstrar que, na verdade, continuo no meu habitual

Busco me isolar ou fico com vergonha

Fico calado e demoro para falar. Fico apático e reativo muitas vezes.

Me fechar emocionalmente e recuar.

Fico quieto.

Geralmente eu não gosto de me expor para pessoas que eu não confio, pois isso pode ocasionar momentos de transfobia que impõe a masculinidade patriarcal. Então depende muito da pessoa em questão, caso seja alguém em que não confio acabo me isolando.

Particularmente, costumo ficar mais isolado, quase como se tentasse me proteger em mim mesmo

Busco seguir os ensinamentos bíblicos, para que eu saiba agir da melhor maneira possível.

c) Quando você decide expressar ou evitar expressar sentimentos de maior sensibilidade, como isso impacta sua experiência? Percebe alguma diferença, seja nas reações das pessoas ou no seu próprio bem-estar?

No caso da expressão, há uma ansiedade sobre se será bem recebido; na ausência, um sentimento de que faltou algo. Percebo uma diferença sim.

Me sinto muito decepcionado, irritado e triste quando não me sinto confortável ou que não posso expressar o que sinto ou penso sobre algo. Normalmente acabo segurando demais esse sentimento até o momento que isso me afeta, me deixando ansioso e com mudanças de humor.

É o que eu tendo a fazer sempre, então para mim não isso é o normal.

Eu fico muito bem quando me expresso. Parece que tenho uma descarga de relaxamento pelo meu corpo todo e me sinto mais próximo do meu parceiro.

Na maioria das vezes que expresso qualquer sentimento é tratado como fraqueza e julgado a capacidade de resolver meus problemas sozinho.

Ja aprendi a lidar com isso. Se me pressionam pra falar algo, eu falo, Mas eu costumo brincar sobre.

Quando eu reprimo meus sentimentos o sentimento de solidão é bem maior.

Percebo uma boa abertura das pessoas, a grande maioria costuma entender e simpatizar comigo, me ajudando a resolver a questão

No quesito social, me sinto confortável em não exprimir todos os meus sentimentos às pessoas, mas muito confio em minha parceira e em Deus, o que me faz ser transparente tanto com ela e, principalmente, com Deus.

4. a) Quando está em uma relação íntima, você já se sentiu pressionado a não expressar sentimentos? Em que situações isso ocorre?

Não

Às vezes, sim. Creio que ocorre quando um assunto é recorrente, como se tivesse que demonstrar que consigo lidar com o problema, que estou reclamando demais. Em geral também, evito e seguro o choro.

Nunca namorei, mas em uma relação íntima em outros sentidos, como família e amigos (homens) próximos, isso ocorre desde a infância, com sentimentos "maiores" como a tristeza ou até alegria

Sim, principalmente em sexo casual. Nunca diretamente nos encontros, mas parece que é algo que as pessoas esperam que você faça. Os aplicativos de encontro e comunidades gays em redes sociais agravam muito esse cenário. É muito frequente ver comentários / comportamentos de pessoas super masculinizadas sendo enaltecidos.

Sim, em situações em que meus sentimentos impactariam a convivência dela com a família, em situações que ela não está bem emocionante então qualquer sentimento foi desprezado outras vezes, em situações que n considero ter a intimidade para compartilhar.

Sim. A pessoa ja tem problemas suficientes pra que ocupar ela com mais. Gosto de ser um porto seguro.

Não.

Não, nunca

Desconheço essa sensação.

b) O que você faz quando sente vontade de expressar seus sentimentos, mas acredita que isso será visto como fraqueza?

Cara de paisagem e ficar em silêncio

Normalmente eu retenho meus sentimentos, mas fico mais introspectivo, menos animado, acabo me engajando menos com a pessoa.

Não expesso, mas é difícil eu sentir vontade

Eu costumava ter apatia ou me retirar da situação.

Não expesso.

Não expesso.

Falo de maneira discreta para entender o ambiente, se for de fato visto como uma fraqueza eu não me sinto a vontade.

Expesso do mesmo jeito, ou busco uma forma que não pareça fraqueza

Expesso minhas "fraquezas" a Deus e à minha parceira.

c) O que acontece quando você de fato expressa suas emoções?

Pergunta muito ampla, varia extremamente. Mas via de regra, há uma sensação de leveza.

Normalmente muito alívio, me ajuda a me sentir mais próximo e seguro da pessoa, mas me preocupa que eu tenha expostos demais ou que a pessoa me veja com alguma dificuldade

Principalmente quando eu era mais novo, eu costumava "explodir" quando eu não conseguia mais guardar a emoção, mas hoje em dia sou muito mais calmo. Tipicamente, eu não tenho grandes desvios de emoções e consigo refletir sobre a situação que me fez sentir algo específico, não tendo muita necessidade de expressar isso para os outros.

Muitas vezes é difícil e eu não consigo fazer de uma forma tão clara e confiante, mas quando eu falo, normalmente me sinto muito melhor.

No geral são mal vistas e julgadas como uma fonte de incapacidade de resolver problemas ou apenas descartadas.

Depende do que for, se for algo emotivo me sinto mais próximo da pessoa e acolhido?

Me sinto mais leve e menos só.

Me sinto muuuito melhor, ainda mais quando sou compreendido e ajudado

Recebo a atenção, compreensão e consolo de minha parceira, além do conforto e segurança oferecidos pelo Senhor. Em meu ver, não há ninguém melhor que Deus para ser o meu refúgio e ouvinte, e não há mulher que saiba ajudar-me corretamente, senão aquela que o próprio Criador me deu.